O MESTRE REINTEGRATA 18

A alcunha de Mário ‘o português’ permite intuír um dos piares docentes deste professor da Ilha. A defesa do galego e da norma portuguesa trouxeram-lhe a represão da Inspeção, apesar da solidariedade recevida de alunos e pais.

ELEIÇONS NAS CONFRARIAS 10

A renovaçom da direçom das confrarias deixárom sonoras derrotas para patrons maiores próximos do PP. Em Cambados, Benito González, mao direita da Conselharia de Mar, perdeu o liderado do pósito.

“Gostaríamos de ter boa relaçom com todas as forças políticas, mesmo com o PP”

MARCOS MACEIRA, Presidente da Mesa pola normalizaçom linguística Pág. 20

NÚMERO 139 | 15 DE JULHO A 15 DE SETEMBRO DE 2014 | 2 €

NOVAS DA GALIZA

PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇOM CRÍTICA

MOVIMENTOS SOCIAIS

Redes de cooperaçom para o futuro no rural

A começos do mês de julho dúzias de pessoas juntavam-se em Negueira de Moniz para a segunda ediçom das Jornadas Rurais Galegas. Este ponto de encontro para quem procura vias de futuro para o agro galego. Este espaço para o debate e a posta em comum de conhecimentos e ideias verá-se ampliado neste verao com o lançamento dumha web. Alfons, um dos seus impulsionadores, explica que esta visa ser “umha ferramenta para criar rede entre projetos do rural”. / PÁGS. 16

TERRORISMO MACHISTA

Feminicídio na América Latina

Como prender um fósforo num quarto escuro e descubri-lo lotado de cascudas, o jornalismo desvenda a impunidade com a que feminicidas em série desenvolvem um ritual de seleçom, tortura e assassinato contra mulheres polo singelo facto de sê-lo. De acender dous fósforos, os jornais já porám nomes aos polícias corrutos que envolvem de impunidade os crimes. Mas o medo a queimar-se fai com que poucas pessoas prendam três fósforos, ficando ocultos os insectos melhor camuflados. / PÁG. 12-13

ALÉM DAS TOURADAS

ESPETÁCULO E ANIMAIS: ATÉ ONDE CHEGA A TRADIÇOM?

Com a chegada do estio, nas poucas vilas em que ainda pervive a prática da tauromaquia celebram-se estes espetáculos, fundamentados no sofrimento e morte dum ser vivo. A legislaçom autonómica dá cobertura a este eventos taurinos, mantendo-os excluídos da legislaçom de proteçom animal. Ainda que no nosso país nom se aprecia umha afeiçom explícita por espetáculos com cenas de maus tratos a animais, coletivos animalistas e ecologistas tenhem alertado sobre o que acontece em celebraçons como a Festa do Boi de Alhariz, onde um exemplar desta espécie é axotado pola vila. / PÁGS. 16-17

A Sega, crítica literária feminista

“Nom é que os espaços de poder estejam ocupados por homens; estám atravessados por umha ideologia patriarcal” / PÁG. 22-23

SUPLEMENTO CENTRAL A REVISTA

VILASANTAR: DO NOUTRORA AO AGORA

Rota por um concelho de passado viçoso e futuro incerto, retrato sintético do futuro que o capital reserva a boa parte do rural

CINEMA

Crónica da (S8) Mostra de Cinema Periférico, um festival que ano após ano leva à Corunha o mais sugestivo cinema de vanguarda

OPINIOM

CREBAR A POLÍTICA LÍQUIDA Olalha Barro / 3

MÁSCARA DE PERFIL por Sabela Fraga Costa / 3

REVIVAL TARDOFRANQUISTA por Xurxo Borrazás / 28

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tés algumha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algumha inquietaçom ou mesmo algumha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverám ser originais e nom poderám exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaboraçons, como também de resumi-las ou extratá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis. Endereço: pelourinho@novasgz.com

O ALDRAJE DE HOMENAGEAR FILGUEIRA VALVERDE

A designaçom de Filgueira Valverde como homenageado no dia mais simbólico da língua e a cultura galega é um aldraje para todos os cidadaos que sofrêrom torturas, morte, cadeia, e exílio em defesa das liberdades do povo galego. Aliás, é umha afronta a toda a história de resistência na defesa da língua e cultura galega levada a cabo por mulheres e homens das distintas associaçons culturais do país na longa noite de pedra.

O falangista Filgueira Valverde participou desde o começo do alçamento fascista do ano 1936, formou parte do mesmo, tanto polo rádio como em jornais chamou em tomar parte do genocídio franquista. Naqueles momentos centos e milhares de galegos eram desaparecidos com um tiro na caluga na beira das estradas. Como prémio foi procurador nas Cortes franquistas, entre outros muitos postos de poder que possuiu no regime clerical-fascista. Regime que fijo da perseguiçom mais feroz da língua e cultura galegas um dos seus objetivos, e extirpar deste jeito toda raizame de pertença à naçom galega, com consequências que hoje estamos a padecer os cidadaos galegos.

Nengumha obra literária, cientifica, artística, pode esconder a trajetória social e política de umha pessoa. A dignidade de um povo e de umha cultura nom é indiferente à barbárie.

A língua e a cultura galegas nom podem estar seqüestradas por uns mandarins que se consideram com direito de pernada.

A.C. O Facho

O PP UTILIZA AS INSTITUIÇONS COM INTERESSES PARTIDISTAS

A visita do superdelegado da Junta a Arvo nesta semana deixa várias cousas claras. A principal, e absolutamente rejeitável, é que o PP utiliza a Junta com interesses partidistas. A Coures Touriz nom lhe importa o bem-estar dos arvenses, o que o move som as siglas do seu partido. Este tipo de condutas alimentam a perceçom de que a classe política em geral nom estám à altura das circunstáncias sociais atuais, sendo necessária umha transformaçom profunda.

O anterior governo arvense recebeu sempre como resposta um "nom há dinheiro" quando solicitou a colaboraçom da Junta para melhorar alguns aspetos importantes do colégio. Quando o governo municipal acometeu a homologaçom do sistema elétrico e do sistema de calefaçom, depois de quase umha década deixado da mao de Deus, a resposta foi "o colégio é propriedade do concelho e é a este a quem corresponde afrontar esse gasto". Por responsabilidade, o anterior governo investiu das arcas municipais umha quantidade importante. A mesma resposta, "nom há dinheiro", ocorreu quando o governo municipal sainte solicitou a construçom dumha pérgola que comunicasse as instalaçons educativas com o pátio coberto, para evitar que os nenos/as se molhassem no inverno. A pérgola segue sem se fazer. Agora seica vam investir 25.000 euros no colégio. Todo o que signifique melhorar a qualidade dos serviços públicos bem-vindo seja. O que resulta criticável é que a atitude dos responsáveis da Junta cara Arvo tenha mudado justo com a moçom de censura. (...)

Que contraprestaçons recebe do PP e das arcas públicas,para se situar na primeira linha política local? A transparencia e a igualdade de oportunidades para todos deben ser os alicerces dunha nova forma de facer política, como representou o goberno de Xavier Simón durante 3 anos. O PP sitúase nas antípodas deste comportamento ao utilizar as institucións para os seus fins partidistas.

BNG de Arvo

HUMOR MINCINHO

EDITORIAL

A tradiçom do maltrato animal

Inquéritos tenhem demonstrado a pouca afeiçom pola tauromaquia no nosso país. Assim, a empresa consultora Gallup teria recolhido, no período 2002-2006, que 86% da populaçom galega tomava posiçom contra os eventos taurinos. Ao mesmo tempo que esta desafeiçom é estatisticamente patente, a legislaçom autonómica sobre proteçom animal que proíbe o emprego de animais em eventos festivos mantém aberrantes exceçons para a tauromaquia e para campeonatos como o do tiro ao pombinho. Umha herança da época Fraga que o Parlamento galego ainda nom se esforçou em modificar.

Que a única praça de touros atualmente ativa na Galiza se situe na cidade de Ponte Vedra nom significa que o resto do nosso território se veja livre de espetáculos com cenas de maus-tratos a animais. Por Ponte Vedra passeiam anualmente os capotes, as espadas e os vestidos de luzes, mas os eventos em que se exerce violência humana contra os animais nom som monopólio do construto identitário espanhol, em que se poderiam enquadrar as 'corridas' de touros, senom que também estám presentes na realidade galega, se bem nom de jeito maioritário.

Um dos animais mais espetacularizado em eventos festivos na Galiza é o boi, forçado protagonista da alaricana Festa do Boi e das 'chegas' já desaparecidas neste lado da raia. Os defensores destas celebraçons, alguns deles nacionalistas e comprometidos com a cultura popular, assinalam a tradiçom para perpetuarem estes eventos. Mas os fogos do artifício do espetáculo cousificam o animal e provocam comportamentos sádicos contra ele. Assim esquece-se o que é verdadeira tradiçom: que a relaçom do homem com o animal tivo um fundamento económico, ao ter sido este necessário para a sobrevivência humana e a melhora das condiçons de trabalho no agro.

Neste plano do debate entram os 'curros' de cavalos e a 'rapa das bestas', eventos onde as cenas de sofrimento animal também estám presentes e onde, concretamente no caso de Sabucedo, se atingírom altos níveis de espetacularizaçom e turistificaçom. A imagem do cavalo dominado polo 'aloitador' oculta o porquê da existência dos 'curros', do mesmo jeito que um 'flash' fotográfico nos mergulha numha cegueira provisória. A 'rapa das bestas' nom nasceu para cenificar umha luita primigénia, senom em base a razons económicas e a umha relaçom que o ser humano mantinha com o seu contorno. Porém, também nessa relaçom se dam cenas de violência contra o animal que cumpre denunciar.

Destarte, a construçom dumha sociedade que se alicerce em ideias de justiça e que medre comprometida com a natureza precisa de refletir sobre as diversas expressons da tradiçom. Ao pé das manifestaçons mais espetacularizantes e próximas a conceçons turistificantes, é preciso procurar no nosso país as tradiçons mais populares e respeitosas com o contorno. Umha questom de futuro.

EDITORA
A.C. MINHO MEDIA

CONSELHO DE REDAÇOM
Iván G. Riobó, Aarón López Rivas, Rubén Melide, Xavier Miquel, Raul Rios, Xoán R. Sampedro, Olga Romasanta, Alonso Vidal e Ana Viqueira

SECÇONS
Cronologia: Iván Cuevas / **Economia:** Raul Rios / **Mar:** Afonso Dieste / **Media:** Xoán R. Sampedro e Gustavo Luca / **Além Minho:** Eduardo S. Maragoto / **Povos:** José Antom 'Muros' / **Dito e Feito:** Olga Romasanta / **A Denúncia:** Iván García / **Desportos:** Anjo Rua Nova e Xermán Viluba / **Consumir Menos, Viver Melhor:** Xan Duro / **A Criança Natural**: Maria Álvares Rei / **Agenda:** Irene Cancelas / **A Revista:** Rubén Melide / **A Galiza Natural:** João Aveledo **Língua Nacional:** Isabel Rei Samartim / **Criaçom:** Patricia Janeiro / **Cinema:** Xurxo Chirro, Iván García Ambruñeiras e Julio Vilariño

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇOM
Hilda Carvalho, Manuel Pintor

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ, Sole Rei, Galiza Independente (GZI-Foto), Zélia Garcia, Borja Toja

ADMINISTRAÇOM: Carlos Barros Gonçales

AUDIOVISUAL: Galiza Contrainfo

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartin, Pestinho, Xosé Lois Hermo, Gonzalo, Ruth Caramés, Pepe Carreiro, Mincinho, Beto

FECHO DE EDIÇOM: 20/07/2014

CORREÇOM LINGÜÍSTICA
Xiam Naia, F. Corredoira, Vanessa Vila Verde, Mário Herrero, Javier Garcia, Iván Velho, José Dias Cadaveira, Albano Coelho

COLABORAM NESTE NÚMERO
Olalha Barro, Sabela Fraga Costa, Graciela Atencio, Alex Antunes, Maria Álvares, Eduardo Maragoto, Carlos C. Varela, Lara Dopazo Ruibal, Xurxo Borrazás, Óscar Valadares, Xermán García Romai, Rebeca Baceiredo

D. LEGAL: C-1250-02 / As opinions expressas nos artigos nom representam necessariamente a posiçom do periódico. Os artigos som de livre reproduçom respeitando a ortografia e citando procedência.

OPINIOM

Crebar a política líquida

Olalha Barro

O outro dia, fum a umha concentraçom e alguém achegou-se a mim e dixo-me: "que alegria ver caras novas!" Eu respondim: "Nom som umha cara nova, simplesmente mudei de comarca". Para chegarmos a ansiada transformaçom social, fam falta muitas e muitas caras novas que nom vejo.

Há tempo que me acompanha um sentimento de orfandade política. Nom som capaz de sentir-me à vontade com o trabalho de organizaçom política nengumha e por isso sempre trabalhei à margem delas, em espaços de encontro como os centros sociais, asociaçons culturais e nos feminismos.

Entendo a emergência social e política do momento e percebo, e mesmo concordo, com as companheiras que sentem que é necessário tomarem as instituiçons porque nos estám a massacrar.

E leio por toda a parte comentários dumha necessária unidade da esquerda nacional ou da esquerda espanhola ou de renovaçons de discursos, de outras formas de fazer política (sic), etc. Mas na hora da verdade, parecem-me grandes palavras ocas, faltam-lhe realidade. Sinto que aquí nom há nada novo. Senom umha guerra de elites.

Também se falou muito do êxito electoral de Podemos, do seu "modelo", do poder dos mídia, do carisma, da necessidade de líderes... Para mim o fenómeno Podemos tem mais a ver com o tipo de sociedade em que vivemos. For bom ou mau, vivemos na modernidade líquida. E o tipo de compromisso que predomina nesta sociedade nom vai além de lhe dar a "gosto" no facebook. Percebo umha identificaçom política de usar e descartar.

Já ninguém pode com um meta-relato forte como a libertaçom nacional, de género ou de classe. Os compromissos sólidos nom som para nós.

> Actuamos em política como consumidoras, se calhar já nom sabemos actuar doutra maneira. Isto é "experimente, compare e se achar algo melhor, compre"

As grandes opressons nom geram consensos porque há gente que oprime, gente oprimida e gente que nom quer saber onde está. Mas esses relatos som tabu porque som fonte de conflito e o conflito nom tem muitas amizades em facebook, o marketing nom se leva bem com o conflito (só se admite um conflito espetáculo).

A modernidade líquida nasce do consumismo. Penso que aíestá a questom, actuamos em política como consumidoras, se calhar já nom sabemos actuar doutra maneira. Isto é "experimente, compare e se acha algo melhor, compre". De aí compromissos fracos, sempre insatisfactórios, sempre na procura de algo puro, por isso nos mantemos em grupúsculos. Claro está que umha vez que se cometa um erro, há que ir na procura de algo melhor e deitar ao lixo todo o feito até hoje porque um erro dum colectivo de seres humanos que deveriam ser semi-deuses e terem predecido o futuro, é imperdoável. Temos que buscar um novo Corte Inglés que fale melhor, que vista melhor e que convença melhor de que só nós temos o melhor produto.

Penso que as candidaturas populares para as municipais podem significar umha ruptura com esta política líquida, com esta lógica patriarcal de competência entre siglas e começar a cooperar entre pessoas. Procurar compromissos reais com pessoas reais, deixarmos o virtual, deixarmos o espetáculo.

Para tomarmos o Palácio de inverno tenhem que mudar muitas lógicas, mas é claro que precisamos sentir identificaçom, sentir compromisso, sentir força e vontade e, sobre todo, sentir pessoas reais acompanhando-nos fora do *facebook*.

Máscara de perfil

Sabela Fraga Costa

Preparamo-nos para posar, fabricamos a nossa encenaçom, sacamos a nossa máscara a reluzir e temos finalmente a imagem que queremos mostrar ao mundo com umhas pautas de leitura definida. Hoje em dia as fotos já nom recolhem lembranças senom que se convertem em objetos – imagens de usar e descartar, de consumo rápido, mensagens para enviar e trocar. A *urgência* por comunicar novidades ou simplesmente que todo continua igual com umha fotografia estabelece atualmente uma massificaçom de conteúdo visual que faz com que cada vez seja mais difícil refletir sobre a nossa experiência e relaçom com as imagens. O que prevalece é a circulaçom sobre o conteúdo, também nom importa a qualidade senom contá-lo todo a través dumha fotografia.

A essa altura a fotografia converte-se numha forma de alucinaçom, falsa ao nível de percepçom mas verdadeira ao nível do tempo. As fotografias promovem a nostalgia ativamente dando testemunho da despiedada disoluçom do tempo. Mas semelha que nestes espaços virtuais a memória passa a um segundo plano para alimentar um tráfego incessante de imagems sob a premisa "isso foi, eu estivem alí"diariamente.

O referente e o significado das imagens pouco importa, fotografa-se todo: as reunions com as amizades, os congestionamentos, o prato estrela da sexta, até o aborrecimento dum domingo à tarde. Esse registo já nom é privado, senom público e partilhado, ademais perdeu-se esse trabalho pessoal que se investia nos diários escritos, com umhas reflexons e questionamentos íntimos.

> O referente e o significado das imagens pouco importa, fotografa-se todo: as reunions com as amizades, o prato estrela da sexta, até o aborrecimento dum domingo à tarde

As fotos já nom registam momentos para guardar nums albuns senom que servem como mensagens para enviar e partilhar, som gestos de comunicaçom numha era em que se faz difícil a distinçom entre as imagens e as cousas. Como já reparava Susan Sontag consumimos e produzimos imagens a um ritmo cada vez mais impetuoso e a razom última da necessidade de fotografá-lo todo reside na lógica mesma do consumo: queimar, esgotar e voltar a consumir.

Em tempos que se calhar hoje soam arcaicos, a identidade da pessoa estava sujeita ao nome que caracterizava o indivíduo, isso é, a palavra. Com a chegada da fotografia essa identidade tornou-se em imagem, numha face imortalizada que era privilégio de poucas pessoas. Atualmente somos donas da nossa aparência e somos quem de geri-la como nos convenha, de facto podemos ter umha foto perfil diferente em cada rede social. Perante esta incessante moreia de fotografias com as que nos topamos cada dia, longe ficam projetos como os de Cindy Sherman ou o Grupo de Boston ao redor da subjetividade e o quotidiano que rachavam no seu momento com todo o estabelecido.

A *importáncia* que se outorga à imagem reflicte-se no ensino. Como exemplo, em 1968 mais de mil escolas e colégios, entre eles 177 universidades, ensinavam fotografia nos Estados Unidos e três anos depois já existia um doutoramento de fotografia na Universidade de Nova Iorque. Hoje em poucas universidades do país se concede o lugar e a importáncia que merece a fotografia, por dar um dado, em História da Arte esta matéria é inexistente.

ACONTECE

MULTAS DE 300 E 450 EUROS POR DEFENDER A PALAVEA

A Subdelegaçom do Governo cursou multas para os ativistas que defendérom esta okupa da Corunha, segundo informa Abordaxe. A quantia é de 300 euros para os participantes na concentraçom do 17 de março e de 450 para os do dia 29 desse mês.

O 'PORTAL GALEGO DA LÍNGUA' MAIS COMPLETO

O universo digital galego já conta com o Portal Galego da Língua 3.0, a nova versom do sítio web da AGAL. Estreou-se no 17 de maio com um novo desenho e informando com maior periodicidade sobre a atualidade do idioma.

"Nom existiu nengumha luita pola independência e a liberdade sem consequências dolorosas"

NOVAS DA GALIZA RECEBE COMUNICADO DO MILITANTE INDEPENDENTISTA ANTOM GARCIA MATOS DESDE A CLANDESTINIDADE

O militante independentista Antom Garcia Matos atopa-se na clandestinidade desde 2006, e é assinalado polo aparelho de estado como um dos agentes fundamentais das sabotagens e açons com explosivos na Galiza desde a publicaçom do 'Manifesto pola resistência galega' no ano 2005. Na semana prévia ao Dia da Pátria fazia-se público por diversas vias um video em que exprime as suas consideraçons sobre o desenvolvimento dumha atividade que "em palavras simples e diretas do povo, chama-se luita armada". O video, que se apresenta baixo o título 'Comunicaçom desde a clandestinidade de Antom Garcia Matos, guerrilheiro da resistência galega', foi remitido à redaçom do Novas da Galiza num disco compacto enviado por correio postal e carimbado em Compostela, com um ficheiro de 37 minutos de duraçom de nome 'resistencia'.

NGZ / "A luita armada na Galiza nos últimos quarenta anos é a manifestaçom mais irredutível dum conflito histórico entre o movimento popular independentista e o estado espanhol". Assim começa o discurso em que Garcia Matos, semi-encarapuçado, se estende a respeito das motivaçons para o exercício da violência por parte "dos e das combatentes da resistência galega". Diz desta última que "recolhe com humildade e orgulho o testemunho desta digna tradiçom de luita guerrilheira pola independência e o poder popular". "Em palavras simples e diretas do povo, as únicas que nos importam, a isto chama-se luita armada".

Numha citaçom direta da *Nova Poesia Galega*, primeira declaraçom do Exército Guerrilheiro do Povo Galego Ceive feita pública no ano 88, lembra que "os combatentes dos anos 80 do século passado diziam 'quando nom haja dinamita, butano doméstico; quando nom haja metralhetas, caçadeiras... o povo deve usar as armas que tenha onde as tenha e sejam oportunas'. [...] Os inimigos da Galiza devem ser fustigados em todo lugar e circunstancias".

Insistindo na autonomia do movimento, afirma que "a resistência é e será unicamente o que nós, galegos e galegas livres e combatentes queremos que seja. O seu sentido nom o vai traçar nengumha corporaçom mediática, nengum cientista social nem bufete de advogados".

Contra o 'vitimismo'

O militante fugido dos corpos policiais afirma que "os responsáveis da repressom acreditam ainda que o problema do combate armado na Galiza pode resolver-se da noite para a manhá a base dumha dúzia de fortes condenas, confiando em que a sua maquinária punitiva bem aplicada pode produzir dissuasons extensas e duradeiras". "Até agora, nom o conseguírom" continua, ao tempo que reconhece que no nível "da superioridade pola tecnologia da repressom e do controlo social" o estado "pode e vai fazer-nos dano". "Temos sofrido derrotas, algumhas muito pesadas, mas ainda nom fomos atingidos no cerne da nossa condiçom indígena, a que assegura que sejamos capazes de levantar-nos umha e outra vez".

Garcia Matos carga contra o que chama de "medo e escapismo": "o status socio-político vitimário, elevado à condiçom de símbolo e sinal de identidade, retrotrai-nos sem dúvida a novas formas de autoódio". Incide em minimizar o impato da repressom, pois ao seu ver "nom existiu nengumha luita pola independência e a liberdade que nom trouxesse as suas consequências dolorosas para familiares, seres queridos e umha parte mais ou menos ampla do povo rebelde".

Por suas palavras, "o nosso problema nom é a AN espanhola, nem a aplicaçom mais ou menos rigorosa do código penal. Os nossos principais desafios som de ordem político e social. Um enorme problema político de falta e soberania, um terrível poder económico empenhado no arrasamento metódico da nossa terra e umha classe prepotente decidida a nom ceder nem umha grama do seu poder e dos seus privilégios".

Compromisso com a informaçom

Perante o mais do que evidente 'apagom informativo' arredor do video por parte dos media sistémicos, e desde o compromisso com a liberdade de expressom, recolhemos alguns dos traços fundamentais do discurso. O direito fundamental à informaçom numha sociedade só é efetivo e útil para o debate, o confronto de ideias e a construçom de acordos quando se podem escuitar todas as vozes. Cremos numha sociedade crítica e madura, capaz de debater sem necessidade de censuras ou autocensuras paternalistas. E é nesse sentido que, agora como sempre, o Novas da Galiza exerce com normalidade e coerência o dever informativo.

CRONOLOGIA

10.06.2014 / Cámara de Amoeiro começa a colocar placas informativas contra a ditadura sobre a simbologia franquista presente no concelho.

11.06.2014 / Pessoal da Urbaser, concessionária da limpeça em Lugo, irrompe na casa do Concelho ao dia seguinte de que a empresa despedisse 10 trabalhadores na primeira jornada da greve.

12.06.2014 / Exército espanhol nega a Raúl Solleiro o direito a recuperar os documentos e folhetos confiscados à sua mae, Urania Mella, após o alçamento fascista.

13.06.2014 / Cámara de Lugo recorre a Tragsa para retirar o lixo após cinco dias de greve na concessionária do serviço, Urbaser.

14.06.2014 / Maria Osório detida pola Guardia Civil em Ponferrada.

15.06.2014 / Duas mil pessoas participam na manifestaçom em Vigo da Plataforma Galega polo Direito ao Aborto.

16.06.2014 / Plataforma de afetados polas preferentes de Ferrolterra anuncia o fim da sua atividade após conseguir a devoluçom de 100% das poupanças retidas.

17.06.2014 / J.J.O.C. morre nas obras do TAV na Gudinha.

18.06.2014 / Falece um homem de 28 anos após sofrer um acidente com o trator em Penabil (Návia de Suarna).

19.06.2014 / Motorista morre na Fonsagrada ao capotar o seu camiom.

21.06.2014 / Marchas da dignidade rodeiam o Parlamento Galego para reivindicar que volte a estar ao serviço da cidadania.

22.06.2014 / Juíza da operaçom Pokémon chama a declarar como imputados o alcalde de Ferrol, José Manuel Rei Varela e o ex-presidente da deputaçom de Ourense, José Luis Baltar Pumar.

24.06.2014 / Ena Núñez García, de 63 anos, é assassinada polo seu ex-marido em Cubillos (Berzo), que a seguir se suicida.

25.06.2014 / M.N.C., submarinista morre afogado em Fisterra enquanto mariscava. Em Grandas (Eu-Návia), falece um lenhador esmagado por um pinheiro.

AGRESSOM POLICIAL A VENDEDOR AMBULANTE NA CORUNHA

Segundo denuncia o Foro Galego da Imigraçom, o vendedor nigeriano foi maltratrado dous dias consecutivos pola polícia local. No primeiro dia, confiscarom-lhe "de forma violenta" as larpeiradas que vendia perto de Marineda City. Já no dia a seguir, foi mesmo espancado por vários agentes uniformados também enquanto trabalhava.

LISTA UNITÁRIA DE ESQUERDAS PARA AS MUNICIPAIS DA CORUNHA

Marea Atlántica. É o nome do manifesto assinado inicialmente por 99 corunhesas e que promove umha candidatura unitária da esquerda para Maria Pita em 2015. Segundo informou *La Opinión*, BNG, Esquerda Unida ou Compromiso por Galicia recebérom com bons olhos a proposta, que incluiria um processo de primárias abertas.

Manifestaçom unitária da mocidade independentista em 2013 / GALIZA CONTRAINFO

Soberanismo dividido nas ruas mais um 25-J

CONVOCAM QUATRO ATOS PARTIDÁRIOS DIFERENTES ENQUANTO A JUVENTUDE REPETE MOBILIZAÇOM UNITÁRIA

NGZ / Mais umha vez a unidade das forças soberanistas nom foi possível e no vindeiro dia da Pátria em Compostela as forças nacionalistas e independentistas terám cadanseu ato partidário. Esta situaçom contrasta com o movimento juvenil, que volta a convocar umha manifestaçom unitária para o 24 de julho, e com a atividade em diversas comarcas do país, onde centros sociais e coletivos convocam celebraçons nos dias prévios ao 25 de julho.

Assim, desde a Alameda a partires das 12 horas do 25 de julho sairám cada meia hora um total de três manifestaçons. Em primeiro lugar, a militância do BNG desfilará baixo as palavras de ordem 'Em pé por Galiza! Soberania, democracia e direitos' rematando o seu percorrido na Praça da Quintá. Às 12.30 horas partirá a manifestaçom independentista de Nós-UP, a qual reclama umha 'República Galega feminista e socialista' e que contará com um ato político na Praça do Toral às 13.30 horas. Finalmente, às 13 horas sairá a convocatória de Causa Galiza com a legenda 'Independência para vivermos com dignidade no nosso país', a qual realizará o seu ato político na Praça do Pam. Por outra banda, Anova chama a participar num ato que se celebrará na Praça do 8 de Março durante o meiodia.

Unidade juvenil

Porém, na tarde do 24 de julho se celebrará por segundo ano consecutivo a manifestaçom unitária juvenil que nesta ocasiom conta com as palavras de ordem 'A mocidade mantendo viva a Galiza. Independência'. Convocam Agir, AMI, Briga, Comités, Galiza Nova, Isca!, Liga Estudantil Galega e Xeira. No manifesto conjunto expom-se que depois de passado um ano "contamos mais razons para sair às ruas e reivindicar mais alto e com mais vozes, que Espanha, o Patriarcado e o Capital som os piores inimigos da juventude galega".

Também para o 24 de julho, às 18 horas na Praça da Galiza, está convocada a VII Cadeia Humana pola Liberdade das presas e presos independentistas, umha mobilizaçom marcada pola solidariedade e a denúncia das ilegalidades e ilegitimidades que padecem as presas e presos independentistas nas prisons. Previamente, às 16 horas, terá lugar polas ruas de Compostela o Lipdub unitário pola independência, que sairá do C.S.O Escárnio e Maldizer.

Atividade comarcal

A unidade de açom e convocatória também estive presente em diferentes comarcas do país nos dias prévios ao 25 de julho, onde centros sociais e coletivos como Galiza pola Soberania convocaram diversos atos. Em Vigo celebrou-se o sábado 19 o Dia da Pátria nesta cidade, numha convocatória que diversos centros sociais da cidade levam anos promovendo de forma conjunta e que nesta ocasiom convocárom o C.S. Faísca, o C.S. A Revolta e A.C. Bou Eva. O 12 de julho também se celebrara em Marim a VII Romaria da Pátria, organizada pola Revira de Ponte Vedra, A.C. Almuinha e o Grupo Cultural Ronsel. Por outra banda, o coletivo Galiza pola Soberania celebrou umha arenga em Cangas do Morraço no sábado 19 e umha Romaria na cidade de Ourense nessa mesma jornada.

CRONOLOGIA

26.06.2014 / Na madrugada, arde um camiom da recolha de lixo em Vilalva, dentro do contexto de greve em Urbaser.

27.06.2014 / Trunfa com os votos do PP e AIAR a moçom de censura contra o alcalde de Arvo Xavier Simón, do BNG. O "popular" Horacio Gil será o novo presidente da cámara.

28.06.2014 / Dous homens mortos em Vilardevós e Ponteceso ao ficar atrapados baixo os seus tratores.

29.06.2014 / Roteiro opom-se em Moanha ao desdobramento do corredor do Morraço.

30.06.2014 / Víctor Lanza Suárez, marinheiro de Porto de Veiga (Návia), morre na Irlanda enquanto participava na campanha do bonito.

01.07.2014 / Comunidade educativa do Pinho manifesta-se contra o plano de reduzir em seis professores o quadro de docentes do concelho.

02.07.2014 / Emigrantes retornados concentram-se em diferentes localidades galegas.

03.07.2014 / Trabalhadores da Urbaser manifestam-se frente à cámara de Lugo.

04.07.2014 / Governo espanhol impom liberalizaçom de horários comerciais na Corunha, ao declarar a cidade "zona de especial afluência turística".

05.07.2014 / RAG decide conceder o Dia das Letras Galegas ao fascista Xosé Filgueira Valverde.

06.07.2014 / O Pino volve manifestar-se contra o corte de profissorado no centro educativo do concelho.

07.07.2014 / Tribunal Supremo anula os convênios da Junta com cinco escolas privadas que segregam por sexo.

08.07.2014 / Trasladados ao hospital os dous operários da Citröen que levavam uma semana em greve de fome para reclamar a readmissom de dous companheiros.

09.07.2014 / Umhas 200 pessoas concentram-se em Cambados contra a desapariçom dos partidos judiciais desta localidade e de Vilagarcia.

A JUNTA CONVERTE SAM SIMOM NA "ILHA DO ESQUECIMENTO"

Assim o denuncia o coletivo pola memória histórica A Regaduxa, ao entender que o PP decidiu "silenciar e ocultar" a história desta ilha da ria de Vigo, que serviu de cadeia no franquismo. Os ativistas assinalam que a ilha está "infrautilizada" e pedem umha programaçom estável arredor da história desse "cenário de terror" que foi Sam Simom.

AGE E BNG REJEITAM O TRATADO DE LIVRE COMÉRCIO EUA-UE

Ambos forças alertárom dos efeitos negativos que terá para a cidadania galega e europeia o acordo de livre comércio (TTIP) que estám a negociar a UE e os Estados Unidos. AGE exigiu o posicionamento em contra da Junta e anunciou moçons nos concelhos, enquanto BNG apoiará a criaçom da Plataforma Galega contra o TTIP.

"Os serviços de TRAGSA, com a escolta policial, vulneram o direito a greve"

JULIO PACIO É PRESIDENTE DO COMITÉ DE EMPRESA DE URBASER EM LUGO

ANA VIQUEIRA / **Ainda que o nome da empresa Urbaser subisse aos titulares acompanhado do gentilício lucense, a multinacional da recolhida do lixo também opera em Ferrol, Narom, Ribeira, e Compostela. Os trabalhadores da capital galega também ameaçaram com ir à greve mas após umha reuniom de 8 horas chegárom a um acordo com a empresa. Os empregados e empregadas aceitárom que os seus salários só subam a metade do IPC enquanto que a empresa fará fixos a dous trabalhadores que despedira e a umha dúzia que se lhes ia rematar o contrato de relevo. No marco do acordo, o alcalde de Lugo, Xosé Clemente López Orozco chama aos trabalhadores lucenses de Urbaser -em greve desde o 9 de junho- a que também cheguem a um pacto. Mais o presidente do comité de empresa, Julio Pacio, critica as declaraçons do alcalde e sustém que "há que falar do que se conhece".**

Quanta diferença há entre a situaçom laboral de Compostela e Lugo?
Tem em comum a empresa mas o conflito é radicalmente diferente. O reclamo picheleiro era social. Nesse sentido, as nossas solicitudes vam além, porque há trabalhadores numha situaçom muito precária. Temos 17 pessoas com contratos parciais de 15 horas ao mês sem direito ao quadro de pessoal fixo, e alguns deles levam 5 anos trabalhando. Outras 14 pessoas estám discriminadas trabalhando todos os dias da semana quando o resto temos férias o domingo.

Ademais, as nossas petiçons também som do ámbito económico. Pedimos umha suba salarial conforme a atualizaçom do IPC e a consolidaçom dumha paga de 600 euros.

A pressom empresarial traduz-se em 11 despedimentos e 66 pessoas sancionadas que, casualmente, pertenciam ao comité de greve. Como se refletiu nas negociaçons com a empresa?
Endureceu-nas. Nós pedimos a readmissom das pessoas despedidas e a retirada de sançons que implicam dous meses sen emprego nem soldo. A empresa só sabe pôr sob a mesa cortes. Isso é o que começou o conflito e o que fai que continue.

Xosé López Orozco também ameaça com rescindir o contrato da recolhida de lixo com Urbaser. Essa postura guarda umha intençom verdadeira?
O alcalde de Lugo dixo várias vezes que nom lhe vai tremer a mão ante a empresa Urbaser mas nós temos sérias dúvidas... de se manter nesta linha, seria muito positivo. Contudo, chega tarde, num momento em que as relaçons entre trabalhadores e empresa está mui deteriorada. Onde estava ao longo dos mais de 30 dias de greve que levamos?

> "A empresa só sabe pôr sob a mesa cortes. Isso fai que o conflito continue"

Se andava nas ruas provavelmente estivese com Tragsa. Denunciades que esta empresa está a recolher o lixo e o levades ao concelho lucense perante o Julgado Social de Lugo. Que se agarda com esta medida?
Entendemos que o concelho vulnerou o nosso direito a greve trazendo a trabalhadores de Tragsa a recolher o lixo. Portanto, levamo-lo ao julgado para que examine a parte social deste feito que nós consideramos um ataque cara aos trabalhadores.

Em princípio, Tragsa acudia a limpar as ruas polos mais de 100 pontos em risco sanitário da cidade.
Sim, e resulta que estám a varrer as ruas! É denigrante! Mesmo vam escoltados pola polícia local. É um ataque em toda regra que começou como represália ante a nossa negaçom a desenvolver uns serviços mínimos do 100% durante as festas do Arde Lucus.

A empresa sustém que as suas solicitudes estám por cima dos convénios coletivos que se estám a assinar ultimamente. Como vem esta justificaçom da patronal?
Umha justificaçom bastante pobre. Quando nom há um convénio que nom se gera a nível estatal ou autonómico, é individual. Nom há outra maneira. Inclusive à empresa lhe interessa ter um convénio de localidade porque assim pode negociar com cada um de forma diferente e evitam que os trabalhadores fagamos um frente mais amplo.

Desde quando tem Urbaser a concessom do lixo em Lugo?
Desde o ano 96.

É a primeira vez que vam à greve polo convénio?
Nom, já fôramos em 2013. Nesse ano mantivemos umha negociaçom de 18 horas e, finalmente, chegou-se a um acordo. Só houvo 6 horas de greve que, obviamente, nom se percebérom. As nossas solicitudes eram, no plano económico, similares às de agora, pôr fim à congelaçom salarial, mas o compromisso da empresa nom chegou.

Em dezassete anos nom figeram greve algumha, influiu no desenvolvimento do trabalho a reforma laboral de 2012?
Em 2012 notamos muitas mudanças. O que mais influiu foi a mudança de negociadores que se presentárom em Lugo. Desde aquela, som muito mais agressivos e buscam bloquear as negociaçons. Já nom procuram sentar na mesa com umha atitude pausada e na procura de chegar a um acordo senom que marcam pontos de conflito e imponhem cortes sem nenhum tipo de diálogo. Em troca de palavras, usam congelaçons de salário. Isso é o que acontece desde o ano 2012.

TRÊS MILITARES DETIDOS EM MARIM POR NARCOTRÁFICO

Os marinheiros do buque escola Juan Sebastián Elcano teriam comprado, supostamente, 20 quilos de cocaína em Colômbia para vendê-la em Nova Iorque. Os três militares fam parte da tripulaçom do buque (nom som alunos) e fôrom detidos na sua chegada a Marim sob ordem internacional emitida desde os EUA.

A LEI DO ABORTO A UM PASSO DA SUA APROVAÇOM DEFINITIVA

Apesar da luita do feminismo iniciada em outono de 2012, com o anúncio de Gallardón, a polémica lei do aborto passará o seu último trâmite este verao antes da sua aprovaçom definitiva. Umha vez o Conselho de Ministros dea o último visto e praze ao projeto de lei, o texto passará ao debate em Cortes, onde o PP tem maioria absoluta.

RAG e PP ficam sós na defesa de Filgueira Valverde

ASSOCIAÇONS DE BASE PROMOVEM DIA DAS LETRAS ALTERNATIVO

NGZ / A decisom tomada pola Real Academia Galega (RAG) de homenagear o historiador e político falangista José Fernando Filgueira Valverde no Dia das Letras Galegas 2015 nom deixou indiferente a ninguém. Após a votaçom segreda do plenário da instituiçom, era o próprio secretário-geral de Política Linguística Valentín García o que antecipava a decisom na Internet e desatava a polémica.

Às primeiras críticas das usuárias das redes sociais fôrom somando-se as vozes contrárias de multitude de entidades sociais e culturais ou mesmo de forças políticas como Anova, BNG ou Nós-UP. No entanto, o PSdeG ou Compromiso por Galicia evitárom fazer pronunciamentos sobre a eleiçom de Filgueira. Desta maneira, foi o Partido Popular, desde a Junta de Galiza, a única força política que defendeu abertamente a homenagem ao falangista.

Mas a oposiçom a Filgueira Valverde nom veu principalmente das forças partidárias, mas do movimento associativo cultural e linguístico. No fecho desta ediçom do Novas da Galiza, umha dúzia de entidades civis já deram o primeiro passo cara a celebraçom dum Dia das Letras alternativo, através da publicaçom dum manifesto em que se marcam como objetivo "que o Dia das Letras Galegas continue a ser a data para festejar a língua que nos une e darlhe à nossa literatura a difusom social que merece". No manifesto, em que chamam a homenagear o "génio criador do povo galego", sublinham que Filgueira Valverde "nom pode unir ninguém" polo seu papel destacado no regime franquista, "que perseguiu a língua e cultura galega e as suas figuras mais relevantes". Entre as entidades assinantes figuram A Mesa, AGAL, Liga Estudantil Galega, Comités, CTNL, CIG-Ensino ou a AS-PG.

Além de pola sua obra literária e cultural, José Fernando Filgueira Valverde (Ponte Vedra, 1906-1996) destacou pola participaçom ativa nas estruturas políticas da ditadura franquista. Após cindir-se do Partido Galeguista em 1935 e formar a Direita Galeguista, contrário aos pactos com a esquerda espanhola, apoiou os fascistas no golpe de estado de 1936 que desemboca na Guerra Civil. Esta colaboraçom valeu-lhe para ocupar diversos cargos públicos, destacando como procurador em Cortes polo terço de representaçom familiar e, sobretodo, como alcaide de Ponte Vedra entre 1959 e 1968, quando se permitiu a instalaçom da empresa ENCE em Louriçám.

Galiza pode perder um milhom de habitantes em quarenta anos

NGZ / Umha Galiza com menos de dous milhons de habitantes. Esse é o cenário ao que o país se enfrenta segundo um informe sobre perspetivas demográficas elaborado polo Foro Económico da Galiza. O seu responsável, Xaquín Fernández Leiceaga, alertou que, de manterem-se as previsons atuais, perderiam-se até um milhom de habitantes nos próximos 40 anos.

Ante esta situaçom, Leiceaga assinala que o "mais urgente" é fixar populaçom e atrair imigraçom, no canto de "centrar-se" no incremento de natalidade; justo o contrário do que levam predicando os governos do PP durante os últimos anos. Para incrementar natalidade, assinalam, "a chave é o emprego juvenil".

Nesse sentido, o informe di que a populaçom galega "só cresce historicamente" em momentos que "impedem" ou "dificultam" a saída de emigrantes. Por isso, contra a atual saída do país de jovens em idade de terem filhos, Leiceaga aposta em fixar populaçom ativa no território.

Sobre a questom da natalidade, o informe desmonta o mito conservador sobre os valores e a família, destacando que "nom é um problema de valores senom de condiçons objetivas de vida". Assim, durante a apresentaçom do informe, Leiceaga fixo finca-pé no dado sobre a meia de filhos desejados polas parelhas, que tanto na Galiza como no Estado espanhol supera as duas crianças. Se a cifra de filhos é menor à desejada é por culpa de "dificuldades" como a falta de emprego.

Além da diminuiçom de populaçom, o informe destaca o envelhecimento da mesma e a sua concentraçom nos núcleos urbanos; ainda que assinala que as tendências podem ser matizadas ou corrigidas com distintas iniciativas, "mas dificilmente invertidas".

Atendendo à açom política, Leiceaga observa um acerto dos Governos galegos ao introduzir o problema demográfico na agenda política; mas também assinalou que nom se analisa o problema desde a "via da urgência", dado que som precisas medidas "continuadas" e a "meio e longo prazo" para produzir efeitos.

Além do emprego juvenil, o economista aponta que as ajudas diretas à natalidade (subvençons monetárias por ter crianças) nom tenhem umha influência tam importante na decisom de ser maes como a flexibilidade da jornada laboral ou a dotaçom de serviços públicos para atender as crianças. "Assim como as ajudas podem verse como um instrumento susceptível de reversom em funçom das ofertas eleitorais, e portanto nom cumprem o requisito de estabilidade a longo prazo, os cidadaos percebem os serviços como menos submetidos à descrecionalidade política", di o informe.

CONCELHO DE OGROVE INVENTA "ISLA DE LA TOJA"

A Ilha da Toja passou a denominar-se "Isla de la Toja" num concurso canino patrocinado polo concelho de Ogrove e pola Deputaçom de Ponte Vedra, ambos governados polo PP. A Mesa reclamou a correçom de toda a cartelaria, paga com dinheiro "de todas e todos e que agride a nossa língua", e que se substitua pola forma correta.

JUSTIÇA INSTA À RETIRADA DE RECHEIOS NO PORTO DE MARIM

O Tribunal Supremo insiste na necessidade de dar cumprimento à resoluçom ditada em 2009 em que se obrigava à Autoridade Portuária, à Deputaçom de Ponte Vedra e à Junta da Galiza ao desmantelamento dos recheios realizados desde 1994 no Porto de Marim. Ecologistas denunciárom os danos ambientais produzidos por estas obras.

Tribunal Constitucional impede às autonomias legislar contra o 'fracking'

O ESTADO BLINDA A UNIDADE DO SEU MODELO ENERGÉTICO

NGZ / O pleno do Tribunal Constitucional (TC) declarou inconstitucional a lei aprovada polo parlamento da comunidade autónoma de Cantábria que proibia a prática do 'fracking' no seu território. O TC estima assim o recurso apresentado polo Estado contra esta legislaçom e considera que a normativa autonómica vulnera competências estatais em matéria energética. Outras comunidades autónomas que aprovárom legislaçons restritivas com o 'fracking', como Nafarroa e A Rioja, poderiam ver-se afetadas por esta sentença.

O TC, na redaçom da sua sentença, expom que "a proibiçom absoluta e incondicionada de umha determinada técnica de investigaçom e exploraçom de hidrocarbonetos nom pode decidir-se por umha Comunidade Autónoma", acrescentando que estas administraçons podem "impor requisitos e cargas adicionais para o outorgamento de autorizaçons e concessons nom previstos pola legislaçom estatal, mas sem alterar o ordenamento básico em matéria de regime mineiro e energético". Além disso, o TC também afirma que Cantábria nom pode acolher-se às competências assumidas em matéria de sanidade para proibir a exploraçom de hidrocarbonetos nom convencionais. Assim, o artigo da Lei 1/13 da Cantábria em que proíbe o 'fracking' é declarado "inconstitucional e nulo, por invadir a competência exclusiva do Estado para estabelecer a legislaçom básica em matéria de regime mineiro e energético, assim como em matéria de ordenaçom geral da economia e de proteçom do ambiente".

A sentença conta com um voto particular assinado por dous magistrados e umha magistrada do TC em que se comparte o falho mas nom a argumentaçom promovida pola maioria do pleno. Assim, critica-se que a posiçom maioritária situe a controvérsia no ámbito material da energia e também lamenta que nom se aprofundasse no debate sobre a proteçom da saúde. Segundo este voto particular a sentença do TC "nom pondera devidamente a incidência dos riscos do 'fracking' num interesse da máxima relevância constitucional como é a proteçom da saúde humana".

Relatório sequestrado

O jornal espanhol *eldiario.es* informou de que em 2013 o Instituto Geológico e Mineiro de Espanha elaborara um estudo para o Ministério de Meio Ambiente sobre as medidas de prevençom e correçom que deveriam adotar as empresas que quigeram extrair gás através do 'fracking'. Segundo este meio, o ministério espanhol estaria a manter oculto tal relatório, no qual se indicam perigos ecológicos dessa prática de extraçom, como podem ser a utilizaçom de substâncias agressivas com o ambiente, a poluiçom do ar ou o risco de terremotos.

A Lei Mordaça a um passo de ser aprovada

NGZ / Começa o verao e os governos começam também a darlhe saída às normas legislativas mais convulsas aproveitando as férias. Na passada sexta-feira 11 de julho o Governo espanhol remetia ao Congresso o projeto de Lei de Proteçom da Segurança Cidadá –a conhecida popularmente como 'Lei Mordaça'-, sendo o debate em Cortes a última peneira antes da sua aprovaçom definitiva. Um debate em que, porém, o Partido Popular nom necessita chegar a nenhum acordo com o resto de forças políticas ao contar com maioria absoluta na cámara legislativa.

A norma chega ao congresso sete meses depois de que o Conselho de Ministros lhe dera luz verde ao anteprojeto, com pequenas mudanças motivadas polas fortes críticas do resto do arco parlamentário e das instituiçons jurídicas. É habitual que o Governo apresente anteprojetos de lei mais duros do que a lei que pretendem aprovar, antecipando o rejeitamento social posterior e a consequente rebaixa de máximos.

Assim, entre outras medidas, a identificaçom de pessoas passa a ser completamente arbitrária, dependendo exclusivamente do critério do polícia. Também será umha infraçom sancionável fotografar polícias se se entender que "periga" a sua segurança ou a da sua família, dificultando ainda mais o já precário trabalho informativo no Estado espanhol. Este ponto da lei impedirá também fazer efetivas as denúncias contra a violência policial ao ser muito mais difícil contar com provas gráficas dos maltratos.

Sançom do protesto

Enquanto o Estado espanhol regista os maiores índices da sua história no número de manifestaçons diárias, a lei mordaça mantém as multas contra as protestas cidadás. Diversas oganizaçons sociais e políticas tenhem apontado ao longo destes meses que o que realmente pretende a nova lei é dissuadir a populaçom de participar em qualquer tipo de protesto, por pacífico que for. Assim, qualquer facto assinalado pola polícia como infraçom poderá ser sancionado com até 600.000 euros e as multas nom poderám ser recorridas por via judicial, posto que os procedimentos passam a ser de tipo administrativo. Este extremo implica que, no canto de acudir à justiça, a pessoa multada encaminhará os seus recursos à Delegaçom do Governo, que faz parte do poder executivo.

CRÓNICA GRÁFICA

A populaçom galega saiu em várias ocasions nas últimas semanas às ruas para denunciar o ataque militar que está a padecer o povo palestiniano / GALIZA CONTRAINFO

No 21 de junho as marchas da dignidade rodeárom o Parlamento galego reclamando "Pam, trabalho e teito" / CUT

Trabalhadores da Citroën em Vigo realizam desde começos de mês umha greve de fome na qual já três tivérom que ser substuídos. Exigem a readmissom de dous companheiros despedidos / CIG

Na velha estaçom de comboio da Pontraga, Tordoia, comemorou-se mais umha ediçom da festa que rememora a proclamaçom da República Galega em 1931 / FESTA DA REPÚBLICA

Em andamento umha campanha internacional para visibilizar o apoio a umha Escócia independente do Reino Unido / SOLIDARITY WITH SCOITLAND INTERNATIONAL CAMPAIGN

AGRO

Apresentaçom do projeto Cousas de Raízes em Lugo

Defender o monte autóctone, umha ‘Cousa de raízes’

REDAÇOM / Mais de quarenta coletivos e entidades defensoras do monte galego unirom forças na campanha 'Cousa de Raízes' para conscientizar da necessidade de manter vivo o bosque e as espécies autóctones. Impulsada por Adega, esta iniciativa procura implicar diferentes atores sociais numha das reivindicaçons históricas dos movimentos ecologistas e que se reconheça o amplo valor das árvores galegas a nível económico, cultural e ambiental. Assim, nesta campanha estám a participar coletivos como Verdegaia, Fruga, Plataforma Sarriana polo Rio, Associaçom Galega de Apicultura ou mesmo algumhas comunidades de monte vizinhal.

Na sua apresentaçom em Lugo, Xabier Bruña, vogal de medio rural da Adega, expujo que a dia de hoje apenas 30% da massa arvorada da Galiza é de bosque autóctone, o que representa 15% do conjunto do território galego, e que nada semelha indicar que a sua regressom frene. Várias som as causas da reduçom de espécies autóctones nos últimos anos, entre as quais Bruña enumerou os incêndios, a desapariçom do bosque de ribeira, as talas indiscriminadas ou a proliferaçom de espécies de crescimento rápido, sendo o exemplo mais paradigmático disto último o eucalipto. Para mais, Bruña também alerta da chegada de cultivos energéticos que contribuirám para piorar a subsistência do monte galego.

> Apenas 30% da massa arvorada é bosque galego

Na mesma apresentaçom, Maria Rosa Mosquera, diretora do Departamento de Produçom Vegetal da USC, amosou os benefícios que achega ao solo a presença das árvores e salientou a sua funçom de reciclagem dos nutrientes do solo, absorvendo os seus excedentes através das raízes e devolvendo-os logo com a queda da folha. Assim, Mosquera assinalou também que as raízes som o subministro principal de carbono do solo. Por outra banda, Adega salienta que existem estudos da Escola Superior da Politécnica de Lugo que documentam que as espécies autóctones estám melhor adaptadas aos solos galegos e que as coníferas e as árvores de crescimento rápido acidificam o solo.

Segundo se explica no blogue da campanha, *cousaderaices.wordpress.com*, para devolver ao bosque galego o valor que tem, seguiram-se duas direçons nesta iniciativa. Por umha parte, exigirá-se à Administraçom pública que faga cumprir as normativas relativas à conservaçom das massas autóctones e, por outra, trabalhará-se a nível social para impulsar umha conscientizaçom positiva do valor das árvores autóctones.

VÊS ISTO?
mais de 800 assinantes, milhares de internautas e um público atento às tuas propostas também o estám a ver
publicidade@novasgz.com

MAR

Pontapé à Junta nas confrarias

As eleiçons nos 63 'Pósitos de Pescadores' galegos deixam sonoras derrotas para patrons maiores muito próximos do PP

A.DIESTE / Tarde e mal, mas chegárom finalmente as eleiçons para renovar os órgaos de direçom das confrarias galegas, após anos de espera por umha nova legislaçom. Foi em 28 de junho e por primeira vez votou-se nos 63 pósitos galegos de vez. Umhas 12.859 pessoas eram as que figuravam nos censos e com direito a votar. Delas, 8.308 som marinheiros e mariscadoras. As 4.551 restantes som armadores. O alto número de ‘armadores’ galegos devém de que som os proprietários das embarcaçons e na frota de baixura da Galiza há milhares de pequenas embarcaçons artesanais para faenar ao dia. Nada a ver, logo, com a imagem de ‘armador’ que se poda ter.

Pois bem, as eleiçons supugérom um varrido dos dirigentes e mandatários até agora nas confrarias, que perdérom as eleiçons estrepitosamente. Um exemplo é o caso de Cambados, onde o patrom maior, Benito González, e presidente da Federaçom Galega de Confrarias, sofreu unha sonora derrota: apenas obtivo 4 dos 24 vogais (representantes). O homem que é mao direita da Conselharia do Mar, descavalgado do pósito.

Outro caso é o de Rianjo, onde depois de 18 anos à frente da Confraria, Baltasar Rodríguez foi humilhado nas urnas por um moço mariscador duns 25 anos, pondo assim fora de jogo um dos homens de confiança da conselheira Rosa Quintana na Ria de Arouça. Mas houvo muitos mais casos: Aguinho, Póvoa, Ilha de Arouça...

Os comícios desenvolvérom-se em 3 partes, tal e como estabelece a normativa de convocatória de eleiçons que regula todo este processo eleitoral e detalha todos os passos a seguir em cada momento para eleger o patrom maior e os membros do cabido. Em primeiro lugar, realizárom-se as eleiçons nas 63 confrarias de pescadores da Galiza, depois realizaram-se as votaçons nas 3 federaçons provinciais e finalmente elegera-se o presidente da Federaçom Galega de Confrarias de Galiza.

Cara e cruz

Mas esta cara também tem umha cruz. O novo regulamento de confrarias restringe a capacidade de atuaçom (por exemplo, em orçamentos) das Confrarias, aumentando o poder da Junta. Desta forma, o governo galego tem muita maior margem de atuaçom nos Pósitos, minguando as possibilidades de operar das pessoas eleitas polos marinheiros e mariscadoras.

Cumpre lembrar que o setor do mar na Galiza emprega conjuntamente 38.000 pessoas, representando aproximadamente 52% do emprego total pesqueiro no Estado e 10% no conjunto da UE. A produçom extractiva galega anual supom, em termos de valor, 15% da Uniom Europeia, superando assim a produçom conjunta da Alemanha, Bélgica, Finlândia, Grécia e Suécia. A dependência social da atividade pesqueira é especialmente importante em vários concelhos da costa galega. Assim, o emprego pesqueiro representa 30% da populaçom ocupada nos concelhos de Ribeira e Bueu e atinge valores de 60% para a Ilha de Arouça.

ECONOMIA

Nos Estados Unidos, o país dos empréstimos, umha de cada cinco estudantes é perseguida por impago

O fim das bolsas universitárias?

APÓS ENDURECER OS REQUISITOS ACADÉMICOS, DESDE O PP PROPONHEM MUDAR AS AJUDAS POR EMPRÉSTIMOS

R.R. / A máxima da educaçom como um direito universal está cada vez mais longe da realidade no Estado espanhol, sobre todo ao falar de ensino universitário. O sistema de bolsas, que apesar das suas limitaçons leva anos permitindo o acesso à universidade de estudantes de rendas baixas, corre o risco de desaparecer. Depois de vários cortes orçamentares e do endurecimento dos requisitos para aceder a estas ajudas, do ámbito próximo do ministro Wert surgem agora vozes questionando a própria pertinência do sistema de bolsas e advogando por um outro sistema de empréstimos ao estilo norteamericano. Empréstimos que, é claro, o estudante deveria devolver umha vez finalizada a carreira universitária.

A ameaça foi formulada a princípios de junho pola Secretária de Estado de Educaçom, Formaçom Profissional e Universidades, Montserrat Gomendio. Durante um almoço informativo e sem aprofundar muito na questom, Gomendio recurriu aos argumentos próprios do ideário neoliberal para defender esta mudança de sistema. Assim, assinalava que o sistema universitário crescera exponencialmente nos últimos anos e que a questom nom era se era ou nom "gratuíto", senom "quem o paga, como e quando".

Apesar de nom existir nengum projecto de reforma por parte do Ministério de Educaçom espanhol e de que assegurem nom valorar tal medida; o globo-sonda lançado por Gomendio em pleno período de exames fazia saltar os alarmes do movimento estudantil e tanto a Liga Estudantil Galega como os Comités rejeitaram a proposta.

Com que objectivo?

Quando o ministro Wert impulsou o Real Decreto 1000/2012 em que impunha uns duros requisitos académicos para aceder às bolsas universitárias, o argumento esgrimido polo mandatário popular era a procura da excelência e do esforço dos alunos e, já agora, a previssível poupança orçamentar que se obteria ao deixar sem bolsas milhares de estudantes. Segundo a norma, aquelas universitárias que aprobando mais de 90% das cadeiras nom obtivessem umha média académica superior a 6,5 sobre 10 ficariam sem direito a bolsa no curso próximo; enquanto os que vinham de seletividade deviam alcançar como mínimo 5,5 nos exames de classificaçom. As disciplinas técnicas contarom com uns requisitos mais laxos.

O decreto entrou em vigor no ano 2012-2013 e, como já alertara a comunidade educativa, o número de alunos com direito a bolsa sufriu umha descida de 8.812 pessoas (2,9% bolseiras menos que no curso anterior). Wert rachava assim com umha tendência que se mantinha em alta desde o início da crise, pois a caída geral da renda implicava que cada vez mais famílias cumprissem as condiçons para perceber umha bolsa de estudos. Com os novos requisitos académicos, muitos jovens ficavam sem ajuda económica apesar das baixas rendas familiares.

> Os duros requisitos académicos impostos por Wert rachárom a tendência histórica

Mas no ano 2013-2014 aconteceu algo que apanhou por surpresa o ministério: voltou a aumentar o número de alunos com direito a bolsa, em parte polo recrudescimento da crise mas, também, por um inusitado aumento da nota média de 6,87 a 7,4, afastando-se desse 6,5 por baixo do qual nom se pode optar à ajuda. A mesma Secretária de Estado de Educaçom facilitou estes dados apenas duas semanas antes de propor suprimir o sistema de bolsas e trocá-lo polo de empréstimos: de 290.000 bolseiras no ano 2012-2013 passou-se às 322.000 no já finalizado 2013-2014 (umha suba de 10,7%), retomando assim a tendência à alta. Isso sim, a quantia média por bolsa diminuiu em 300 euros (de 3.100 a 2.800), segundo dados adiantados também do ministério.

Após constatar que os percetores de bolsa voltarom a aumentar apesar dos entraves de Wert; umha possível interpretaçom para explicar umha proposta tam radical como a de Gomendio é que o Governo, vista a impossibilidade de continuar a cortar a receita para bolsas através do endurecimento dos requisitos académicos, se veja forçado a dar um salto cara adiante na sua agenda de vaziado do setor público e suprimir o sistema de bolsas universitárias na sua totalidade.

'Quem paga, como e quando?'

Na comparecência de imprensa em que a Secretária de Estado de Educaçom lançava esta pergunta também dava duas respostas possíveis: ou todas as famílias contribuem para que o estudantado vaia à universidade de jeito gratuíto ou, pola contra, o aluno paga umha maior proporçom do coste (com os empréstimos) ao ser beneficiário direto dos seus próprios estudos. Seguindo este razoamento, as famílias com universitários estariam-se a aproveitar daquelas outras que nom os tenhem.

Deste jeito, Gomendio passa por alto cousas tam fundamentais como o papel redistribuidor do estado: os orçamentos gerais do Estado, de que se extrai a receita para bolsas, nom procedem só dos impostos às famílias, senom também dos diferentes tipos de impostos às empresas e grandes fortunas. A secretária de Wert passava também por alto que nom é só o estudante o beneficiário dos seus próprios estudos, mas a sociedade no seu conjunto ao contar com umha economia mais intensiva em conhecemento e, por tanto, mais produtiva.

> O número de bolseiras cresceu com a crise e a queda de renda das famílias

Assim, o previssível efeito de trocar o sistema de bolsas público por um sistema de emprestimos privado seria a exclusom de capas sociais ainda mais amplas do sistema universitário. O medo a nom poder devolver o préstamo ante a impossibilidade de obter um trabalho seria um forte desincentivo para estudar: atualmente só trabalham 21 de cada cem galegas entre 25 e 31 anos. Neste sentido, a Liga Estudantil Galega recorda que nos Estados Unidos, onde nom há bolsas públicas, umha de cada cinco estudantes som perseguidas por impago dos empréstimos para a universidade.

A TERRA TREME

Ciudad Juárez conta com 1.441 mulheres assassinadas entre 1993 e 2003

Irene Khan, secretária de Amnistía Internacional de 2001 a 2009, deixa um ramo de flores ante as cruzes rosas que representam as oito moças que aparecérom torturadas e assassinadas neste campo algodoeiro em novembro do 2001

Familiares de moças assassinadas durante ato de protesto

JORNALISTA DE FEMINICÍDIOS EM CIUDAD JUÁREZ, NO PONTO DE MIRA DA MISOGÍNIA

“Umha vez vês os corpos das torturadas nom és capaz de mirar cara outro lado”

Como prender um fósforo num quarto escuro e descubri-lo lotado de cascudas, o jornalismo desvenda a impunidade com a que feminicidas em série desenvolvem um ritual de seleçom, tortura e assassinato contra mulheres polo singelo facto de ser umha mulher. Escreverám que 66.000 mulheres e nenas som assassinadas cada ano em tudo o mundo convertendo-se em 17% do total de vítimas de homicídios intencionados. De acender dous, os jornais já porám nomes aos polícias corruptos que envolvem de impunidade os crimes. Acusarám as Procuradorias Gerais de nom investigar os feminicídios e as sinalarám como responsáveis por que, por exemplo, em dez anos, Ciudad Juárez, México, fosse cenário do assassinato de 1.441 mulheres. Mas o medo a queimar os dedos fai com que poucas pessoas prendam três polo que, reptando, ficam invisíveis os insectos que melhor se camuflam na escuridade.

> "Nom matam mulheres brancas e com acesso doado à justiça”

TEXTO: ANA VIQUEIRA / FOTOS: GRACIELA ATENCIO / “Abandonei Ciudad Juárez porque estava em risco minha vida”. Os olhos escuros de Graciela Atencio combinam com sua pele fazendo que só o acento portenho evidencie a sua estrangeiria no país mexicano. Graciela chegou ao norte de México acompanhada da sua parelha e do seu passado de jornalista e ativista, ambas facetas vinculadas à luita contra os desaparecimentos na ditadura argentina. Quando sente a confiança, sorri e assente “sempre fum muito punk”. Reflite e acrescenta “agora penso-o e nom sei se voltaria a fazer o mesmo”.

Começou a trabalhar em *La Jornada* onde descubriu a lacra dos assassinatos massivos de mulheres. “Nom saim procurar o feminicídio senom que foi o tema quem me encontrou a mim”. En *El Diario Norte* conheceu o labor de três jornalistas destacadas pola investigaçom de assassinatos de mulheres em Ciudad Juárez -Rosa Icela, Diana Washington e Sergio González Rodríguez- polo que decidiu seguir a linha de pescudas dos seus colegas. “Sabia que era perigoso. O Sergio secuestrarom-no e quase o matam. Todos recebiamos ameaças a cotio. Mas eu tinha na memória os casos que cobrim de levamentamento de cadáver. Tivem que ver os corpos das mulheres torturadas e ler os informes periciais onde relatam que lhes figérom. A partir de aí, nom es capaz de mirar cara outro lado. Nom pudem deixar de cobrir feminicídios desde aquela, há já catorze anos”.

Ciudad Juárez, com umha populaçom de 1.321.004 pessoas, conta com 1.441 mulheres assassinadas desde 1993 a 2003 segundo *El Colegio de la Frontera Norte*. A *Red Nacional de Comunicación y Acción Urgente de Defensoras de Derechos Humanos em México* sinala que a taxa de homicídios na cidade é de 34.73 por cada 100 mil mulheres, é dizer, 15 veces mais alta que a taxa de homicídios de mulheres a nível mundial, de 2,6.

Modus operandi dos feminicídios seriais

As ameaças aumentarom quando Graciela Atencio investigou umha série de assassinatos de mulheres cometidos como se fosse um ritual. “Eram asassinos em série! Estavam vinculados a homens poderosos da fronteira, de El Paso, assim que pronto recebemos ameaças em redaçom.” A situaçom obrigou a jornalista a afortalar suas fontes. “Tinha que assegurar-me de que eram seguras e fiáveis mais também tinha que conseguir que confiassem em mim, para que nom me vendessem. Afortalei os laços com algumhas fontes vinculadas com a investigaçom policial do FBI e, ainda que nunca as citava, também contei com a ajuda das testemunhas protegidas”. Com isto, Atencio achou um modus operandi.

“Havia um grupo encarregado de selecionar as mulheres que seguem um perfil muito vinculado à classe. Nom matam mulheres brancas e com aceszso doado à justiça.” Escorrega-se-lhe umha gargalhada, como se atuasse de telom da sua raiva. “Matam moças pobres e trabalhadoras”. Fica um anaco em silêncio. Nom a interrumpo.

“Outro grupo de homens as sequestram e outro as assasina. É um matar por matar, gozam de ser assassinos. Os corpos aparecem mutilados. Sinais de violaçom tumultuária, mutilaçom dum dos senos... O terceiro grupo encarrega-se de limpar e desfazer-se dos corpos.”

Graciela Atencio elabora umha reportagem[1] em que acusa as autoridades de saber o modus operandi das máfias feminicidas e nom fazer nada para evitá-lo. “Enviamos informaçom ao avogado do Procurador Geral Especial do estado de Chihuahua em março” (...) “preferiu seguir a linha de investigaçom que conduzia ao trá-

Jornalista Jenaro Villamil em 'La Sevillana', local que após um corredoiro, tem um quarto onde se sospeita que levavam às mulheres para chantagea-las e abusar sexualmente delas

fego de órgaos e que aos três meses ficou descartada", escreve. Sinala como reclutam nenas de 16 anos para forçá-las a prostituirem-se num restaurante chamado La Sevillana- cujo encarregado é Francisco López- e dá o nome do transportista: El Güero, propietário do clube Malboro. O local fica perto do Clube 15, manejado por Bernardo Urdina, onde aparecérom assassinadas e mutiladas 12 moças em menos de três anos. Todas tinham as mesmas mutilaçons características dos feminicídios seriais. O dia em que Atencio publicou esta informaçom, a tiragem de *La Jornada* foi sequestrada.

O FBI confirmou à jornalista que, ao menos, há três bandas com este modus operandi. "Como a pólvora, os modus operandi estendem-se e surgem imitadores. Ademais de México, os feminicídios seriais começam a aumentar em todo o triángulo de países violentos e misóginos: Guatemala, Honduras e El Salvador."

No triángulo da misogínia

Nos primeiros nove meses de 2013, em Guatemala assassinarom 592 mulheres, o que supom 78 casos mais do que o ano anterior segundo o Instituto Nacional de Ciências Forenses. O Ministério Público assegurou que em 2013 recebeu mais de 40.000 denúncias por violência intra-familiar que inclúem agressons físicas, económicas, sexuais e psicológicas só no ámbito da família.

Nos primeiros quatro meses do 2014 houvo 80 feminicídios em El Salvador enquanto nessa altura do ano, em 2013, a cifra se situava em 54, segundo o Instituto Salvadorenho para o Desenvolvimento da Mulher. Em 2013 o total de feminicídios chegou aos 215 casos, 70 das mulheres assassinadas tinham entre 18 e 30 anos, e 40 eram nenas e adolescentes menores de 17 anos segundo o Observatório da Violência de Género do pais que também denuncia que anualmente, 25.000 mulheres reportam mau trato e violência sexual.

Em El Salvador passarom de 195 feminicídios anuais em 1999 a 390 em 2006, a 580 em 2010. Ainda que nesses anos também subirom os assassinatos como dado geral, o incremento dos feminicídios é superior. Em 1999 houvo 3.845 assassinatos e os feminicídios supunham 5 por cento do total, em 2006 -com 3.928 assassinatos- passarom a supor 11 por cento, e em 2010 – com 4.005 assassinatos- os feminicídios supugérom 14,48 por cento do total de assassinatos.

> "México limita com o império e sofre o impacto dos seus excesos"

Em Honduras cometérom-se cerca de 600 feminicídios em 2013, cifra que diagnostica o aumento dos assassinatos machistas respeito do ano anterior em que se alcançarom os 294 feminicídios. Pola contra, nom há umha estabilidade nas cifras já que o *Servicio de Noticias de Mujeres de Latinoamérica y el Caribe* cifra os feminicídios do 2012 em 606.

O Comisionado dos Direitos Humanos relata que, polo menos, 3.923 mulheres fôrom assassinadas em Honduras entre 2002 e 2013. A cifra é mais alertante se só termos em conta os últimos anos, entre 2010 e 2013 houvo 2.192 feminicídios, segundo *Tribuna de Mujeres contra los Feminicidios*. 90 por cento dos casos permanecem impunes.

As estatísticas sinalam que 17 por cento do total de assassinatos cometidos no mundo- 66.000- tenhem como vítimas mulheres e nenas[2]. Entre os países com a taxa mais alta de feminicídios, cinco som de América Latina -El Salvador, Guatemala, Honduras, Colômbia e Bolóvia- superando os seis assassinatos de mulheres por cada 100.000 habitantes de sexo feminino.

A complicidade dos Estados ante os feminicídios

Graciela volta a escrever. Conta como umha testemunha do assassinato de Lilia Alejandra García -assassinada em 2001 em Chihuahua, a mais de 300 quilómetros de Juárez- presenta umha denúncia anónima ante o FBI. Dá nomes, endereços e códigos de actuaçom dum grupo relacionado com o narcotráfego em que os membros, para poder entrar, devem iniciar-se com esse ritual que implica violar, mutilar e matar umha mulher polo feito biológico de ser mulher. "A PGE de Chihuaha nunca o investigou", detalha.

Cruz colocada na entrada da ponte internacional Passo do Norte dépois dumha marcha organizada polo grupo de direitos humanos 'Mujeres de Negro' em protesta de feminicídios no estado de Chihuahua, 2003

Mais de 6 mulheres -6,4- som assassinadas cada dia em México. À impunidade que inunda 95% dos casos, segundo a Organizaçom das Naçons Unidas, une-se ao aumento de 40% dos feminicídios entre 2006 e 2014. Em Estados como o de Chihuaha, o número de assassinatos de mulheres é 15 veces mais alto que o promédio mundial.

Atencio denuncia no reporte que só haja umha condena, a do egipcio Abdel Sharif quem, finalmente, morreu em prissom pouco depois de convocar umha rolda de imprensa em que deu dous nomes: Alejandro Maynez e seu curmám, Melchor Maynez. Alejandro é conhecido em Juárez por ser filho adotivo dum empresário dono de casas de jogo e bares da fronteira. Hoje em dia, Alejandro Maynez mantem-se em paradeiro desconhecido para evitar seu enjuizamento.

Desde março de 2011 a junho de 2012, a Procuradoria Geral de Justiça do Estado de México cifrou a cifra de assassinatos de mulheres em 563, delas só se reconhecem 115 vítimas de feminicídio. "A máfia narco-fascista continua aí detrás, oferecendo umha dotaçom de notas a funcionários de antiquário. As autoridades mexicanas – ao mais alto nível- estám ao tanto destas atividades desde tempo atrás, e negam-se a intervir. Estes empresários -do ramo do gas, transportista, médios de comunicaçom, refrigerantes e de estabelecementos do lazer, jogo e apostas- guardam nexos com políticos do governo. Neste caso, com Vicente Fox Quesada".

Graciela Atencio fala da sua estadia em México com certa amargura. "Juárez cumpre as funçons dumha lixeira enorme dos Estados Unidos. Como nom vam precisar os estadounidenses fornecedores dos seus vícios quando regista os maiores índices em consumo de drogas, pornografia, prostituiçom de mulheres, nenas e nenos? México limita com o império e sofre o impacto dos seus excesos".

Por riba do medo: Mulheres jornalistas

Ser mulher e jornalista nom é tarefa doada num pais onde a misogínia liga com a coaçom a quem ousa romper a impunidade das máfias e redes do narcotráfico. A agência *Comunicación e Información de la Mujer (CIMAC)* lançou um informe advertindo que nas cifras gerais dos jornalistas assassinados, agraviados ou desaparecidos, nom se desglosava por género e que, em ocassons, as agressons a profissionais mulheres nom estavam a ser contabilizadas. A partir de 2005, CIMAC começou a documentar os assassinatos de jornalistas mulheres albergando dados desde 2002. Desde este ano até 2011, em México fôrom assassinadas 10 jornalistas e 94 denunciarom receber violência por assuntos relacionados com o seu trabalho. No entanto, a violência geral contra o coletivo de jornalistas deixou durante o sexénio de Calderón – de 2006 a 2012- 55 pessoas que exerciam o jornalismo assassinadas. Em 2010 a Organizaçom de Naçons Unidas considerou México como o pais mais perigoso de América Latina para os jornalistas.

A Fundaçom Böll Stiftung, em *Informe diagnóstico, Violencia contra Mujeres Periodistas*, assinala a necessidade de visibilizar o reparto de trabalho discriminatório nas redacçons dos méios de comunicaçom. Argumenta que se é umha informaçom em que se deteta certo perigo para cubri-la nom se envia umha mulher. Também indica que a maioria das fontes som homens ao igual que os altos cargos dos média, polo que as mulheres jornalistas desempenham o seu trabalho num ambiente onde o poder está supeditado ao varom.

"Jamais se resolvérom estes casos". Graciela Atencio desvia a mirada cara o baleiro. "Pola impunidade jurídica, polo desamparo, e porque cheguei com a mentalidade de irme, por todo isso marchei de Ciudad Juárez. Vivim um anaco em Oaxaca e asentei em Madrid. De país facha a país facha!" Graciela Atencio volta a lançar umha risada que baila entre o carpe diem e um lamento.

"Aqui trabalho para a prevençom e sensibilizaçom do feminicídio mediante a sua documentaçom, também dando ou organizando palestras, fazendo fincapé na formaçom... Esteja onde esteja, nom abandonarei a luita contra a violência e o assassinato de mulheres fazendo o único que sei: investigaçom, documentaçom e análise de dados... jornalismo!" Tinha razom Ryszard Kapuscinsky, "esta é umha profissom muito exigente. Todas o som, mas a nossa de maneira particular. O motivo é que nós convivimos com ela vinte e quatro horas ao dia".

1. El círculo de la muerte, Graciela Atencio, La Jornada, 01/09/2003.

2. Femicide: A global Problem (2012) Small arms survey, Matthias Nowak.

ALÉM MINHO

Melhores eram os tempos em que os jogadores não sabiam nem cantar o hino nacional, como Garrincha, mas sabiam jogar

BRASIL 2014

A copa dos crentes, os crentes da copa

ALEX ANTUNES / O escritor e jornalista carioca Sérgio Porto (1923-1968), sob o pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta, cunhou a sigla FEBEAPÁ – Festival de Besteiras que Assola o País. Porto (que também inventou a expressão "samba do crioulo doido", referindo-se ao non sense usual dos sambas-enredo), notou que no início da ditadura militar, entre 64 e 68, houve um drástico aumento das declarações públicas imbecis.

Certamente o clima de solenidade e patriotada também estava por trás do besteirol. Porto morreu em 68, portanto não teve tempo de ver a criação, no final do ano de 1969, da sinistra matéria obrigatória Educação Moral e Cívica nas escolas. Sinistra não porque tratava de educação, de moral ou de civismo, mas porque fazia parte de um "pacote" ideológico que transformava em inimigos todos os dissidentes do regime militar, incrementado após 1968 e o decreto do AI-5. A seriedade excessiva sempre anda perto do ridículo.

O inimigo dos milicos era tratado como "inimigo do país". É interessante como a realização desta copa do mundo em 2014 tenha disparado comportamentos tão similares aos da época da ditadura. Por um lado, nunca se falou tanta asneira, particularmente após a derrota para a Alemanha por 7 a 1. Foi um bombardeio de termos descabidos como "humilhação" e "vexame". [...]

"Sabemos, embora essa seja uma verdade esquecida entre os brasileiros, que foi apenas uma derrota em um jogo. Não deveria ser – e de fato não foi – uma 'humilhação nacional' ou algo parecido. Foram só onze caras tendo um dia ruim, a maioria deles milionários que trabalham e moram no exterior", escreveu Adam Gopnik na New Yorker. Porque os onze milionários encarnariam o "espírito nacional" é uma coisa que também me escapa. [...]

Como sugeriu Gopnik, há uma chave aí: a de que sob ideologias autoritárias a discordância atrai sempre um componente de "humilhação". Como nas religiões monoteístas, há uma moral única, anterior e exterior às pessoas, que não pode ser desafiada. É engraçado como em nosso país psiquicamente colonizado a idéia de "humilhação" está sempre presente. É só digitar o termo "humilha" no google ou no youtube para acessar centenas de conteúdos em que alguém é supostamente "humilhado". Vá lá e veja que em quase nenhum há "humilhação" – só discordância. [...]

> Dilma é refém das chantagens das organizações religiosas mais moralistas, adepta do populismo futebolístico

O governo da presidente Dilma começa a demonstrar sérios sintomas dessa doença dúplice. Logo depois de Dilma declarar à repórter Renata Lo Prete (...) que "O Brasil conseguiu construir uma política federativa de segurança (...) Todos contribuíram para garantir um padrão de segurança, nós planejamos juntos, nós executamos juntos", uma megaoperação no Rio de Janeiro prendeu 19 ativistas envolvidas com manifestações políticas. As prisões, "preventivas" e sem fundamento legal, lembram os tempos da ditadura. Nove outros ativistas foram considerados "foragidos". Quanto mais besteira faz o governo, mais repressivo se torna. Seria ridículo, se não fosse sinistro.

Melhores eram os tempos em que, observou alguém, os jogadores não sabiam nem cantar o hino nacional, como Garrincha (esse não sabia às vezes nem qual era o país adversário), mas sabiam jogar. Não havia uma crença no "direito divino brasileiro à vitória no futebol", esse amigo do ridículo, mas intuia-se como chegar a ela. Sem Cristo nem uma pátria autoritária na cabeça, mas com o Exu nas pernas. Aí sim o melhor "espírito nacional" estava encarnado.

Torturada pela ditadura em 1970, a ativista Dilma, ao fim de tanto tempo, virou ela mesma uma pró-ruralista, refém das chantagens políticas das organizações religiosas mais moralistas, adepta do populismo futebolístico e da repressão violenta ao direito de manifestação. Ou seja, na prática muito parecida com os milicos que a encarceraram – mesmo que ela se diga o contrário deles. A pergunta que não quer calar é: a tortura não funcionou, ou funcionou muito bem? O Febeapá nunca acaba.

Alex Antunes é jornalista, escritor e produtor cultural. Este texto é umha versom adaptada doutro publicado originalmente polo autor no *Blog do Alex Antunes*

POVOS

Israel apresenta-se a si próprio de maneira farisaica como "a única democracia do Médio Oriente"

Palestina, o Estado Sionista, refugiados (I)

JOSÉ ANTOM 'MUROS' / Nom vamos analisar neste novo apartado a Historia Oficial do Movimento de Libertaçom Palestiniano, com o seu cúmulo de siglas, líderes, milícias e odios cainitas errando em todo o mundo árabe. Sim vamos mostrar como um apartado mais a heroica resistência deste povo além da linha verde de 1967 e a sua situaçom de ocupaçom colonial mais ou menos clássica; as variadas resistências, situaçons e estratégias que as populaçons palestinianas nos distintos territorios. Falará-se também das caraterísticas dum Estado, o sionista, que se presenta de maneira farisaica como "a única democracia do Médio Oriente" veremos como esta "democracia judea" exclue intencionadamente dos seus pactos constitutivos as populaçons palestinianas que a partir da Nakba em diante se mantiverom dentro de Israel e como, chamando-os cidadaos, a entidade sionista lhes restringe muitos dos dereitos que como tal deviam ter, de como os cerca e circunscreve nas suas áreas de populaçom dumha maneira similar aos diferentes territorios além da Linha Verde de 67. De como trata de dividi-los internamente nom reconhecendo intencionadamente o carater árabe das populaçons que assim se consideram por fazer parte de comunidades particularizadas por motivos religiosos ou por modo de viver. Também se falará das populaçons refugiadas nos estados vizinhos da Grande Síria e Mesopotámia, de qual é a sua situaçom dentro das caraterísticas comuns a umhas populaçons irmás e similares em toda a área, da situaçom dos refugiados e dos próprios estados vizinhos. Em definitivo, falaremos de colonizaçons, de corpos coloniais estranhos na regiom-Israel-, de pluralidade, de deseios de liberdade e superaçom do autoodio e a alienaçom herdeiras do Imperialismo Ocidental e dum regime: o sionista, irmám do velho Apartheit da Sudáfrica branca dos Afrikaner ou do estado Orangista dos Irlandeses leais à Grande Bretanha nos seis condados irlandeses administrativamente británicos.

DITO E FEITO

"Pode haver nenos e nenas que nasçam na nossa terra sem levar umha mala baixo o braço"

ENTREVISTA A ALFONS DE XIXIRIM, UM DOS CRIADORES DA WEB DE RECURSOS PARA A VIDA NO RURAL

"A web será umha boa ferramenta para criar rede entre projetos do rural"

O.R. / Entre o 3 e o 6 de julho a paróquia de Erne (Negueira de Moniz) encheu-se de expetativas e ideias para recuperar o agro galego. Por volta de 130 pessoas apresentárom projetos, debatérom, experimentárom e aprendérom no marco das II Jornadas Rurais, um novo ponto de encontro depois do êxito da primeira ediçom em Agolada [ver número 134, entrevista à Eira da Xoana]. Falárom de educaçom no rural, de decrescimento, de economia feminista, de bioconstruçom. Mas, sobretodo, reafirmárom-se na possibilidade de viver doutro jeito e num outro rural, onde "as actividades tradicionais som presente e tenhem futuro", e onde "pode haver nenos e nenas que nasçam na nossa terra sem levar umha mala baixo o braço". Um dos projetos que foi germolando ao abrigo destes encontros foi a criaçom dumha web com todo tipo de recursos para as pessoas que moram no rural ou que decidem empreender um projeto de vida nele, com informaçons tam diversas como um mapa de aldeias abandonadas, umha biblioteca virtual com documentos de interesse, ou um foro onde partilhar conhecimentos sobre permacultura, bioconstruçom, e muito mais. Falamos com Alfons de Xixirim (Arçua), um dos criadores deste espaço virtual que verá a luz no mês que vém.

PABLO GARCÍA REINO

Fala-nos de como nasce a ideia de criar umha web para dinamizar o rural galego.

Comentámos a ideia nas primeiras jornadas, que se realizárom na Eira da Xoana. Numha das mesas de debate falou-se da necessidade de criar rede entre todas as iniciativas e pessoas que estávamos ali; vimos que havia muitos projectos diferentes, mas que nalguns casos estavam longe, mal comunidacados, etcétera. O último dia falámos das possiblidades do software livre para o rural, e foi quando se comentou a ideia da web. Eu pugem-me a trabalhar no tema com um companheiro da Corunha, com o objetivo de criar essa rede de pessoas através da rede. Nós estamos aprofundando nas questons técnicas, mas será a gente quem crie os conteúdos. Trata-se de compartilhar conhecimento, em coerência com a filosofia do software livre.

Que conteúdos vai ter e como se vam organizar na web?

Bom, o projeto está ainda algo verde, mas já temos mais ou menos claras as categorias de conteúdo. Numha das seçons haverá artigos relacionados com o tema do rural, ao estilo dum blogue. Noutra haverá umha biblioteca com documentos e recursos online para aprofundar em diferentes aspeitos, e por último, contaremos com um foro em que se irám abrindo vários fios moderados por quem o desejar. Podem-se dinamizar temas como a reabilitaçom de casas, a permacultura… As possibilidades som muitas, e dependerám dos interesses das usuárias!

Incluirá também um mapa de aldeias abandonadas, apartir dum que já está feito, mas que agora nos propomos melhorar e fazer mais colaborativo. Queremos que a web albergue também um espaço onde se apresentem projetos da gente e se poda pedir colaboraçom: por exemplo, se queres fazer um banho seco, se calhar há alguém que cho pode ensinar, ou que gostaria de aprender e ajudarche a fazê-lo.

"A página incluirá um mapa de aldeias abandonadas"

Como gerides os custes económicos da iniciativa?

É um projeto com poucos custes, porque a gente que trabalhamos nele fazêmo-lo de maneira voluntarista. Nom queremos depender de subvençons nem de ajudas; queremos umha web autogestionada e livre. Há que alugar um servidor, mas nas Jornadas saiu umha pessoa que se ofereceu a pagar essa parte para colaborar com o projeto. Há que dizer que intentamos inseri-la no domínio de ponto gal, mas pediam-nos 400 euros e pareceu-nos umha exageraçom, porque adoita custar 10 ou 15 euros. É umha mágoa que nom apoiem doutro jeito as iniciativas sociais, a verdade.

Existe algo semelhante na Galiza? E no resto do Estado, atopastes referentes?

Na Galiza nom existe nada deste formato, e tampouco exactamente no resto do Estado, que saibamos. Há pouco vim umha que se pujo em andamento através dum crowdfunding, mas menos completa. Conheço também foros de permacultura, por exemplo em Austrália, mas nom é muito útil para os nossos espaços. Está noutro idioma, o clima nom é o mesmo, a cultura, os tempos e as espécies tampouco… Precisavamos algo mais específico, e que servisse para tecer rede aqui, claro.

Com relaçom à tua experiência com o projecto de Xixirim, cres que é difícil começar umha iniciativa deste tipo no rural galego? Conta a gente que dá um passo assim com informaçom suficiente?

Para nós nom foi difícil porque estávamos muito motivadas, e todo é por-lhe vontade. Nom é difícil atopar informaçom para o que precises, tanto contando com os vizinhos como com internet, que é umha boa ferramenta para o rural. Quanto às cousas que mais podem custar quando começas de zero, está a relaçom com a vizinhança, porque nom depende só de ti. É um processo lento, mas nós conseguimos boa relaçom com todo o mundo: crias boatos porque nom te conhecem, mas no primeiro magusto já começámos a falar e todo muito bem, ajudámo-nos muito: avisam-te para trabalhar, para que lhe amanhes algo de internet, pides que che emprestem umha máquina que nom tes…

Qual é a tua valorizaçom pessoal do estado do rural galego?

Eu poria-lhe um zero. A situaçom é grave, espero que nom se chegue a estar pior. A gente busca o dinheiro, as multinacionais presionam, a quase ninguém lhe importa poluir… Sobre-explora-se a terra, e de tanto químico nem há bichos nos campos cultivados. Isso vai aos rios, cria algas, mata as truitas… É umha cadeia muito dificil de frear, e nom se aproveitam os refugos como antes.

"Nom há nengumha iniciativa deste tipo em todo o Estado"

Mas há cada vez mais gente que começa a se preocupar por cuidar a terra, como se viu nestas Jornadas Rurais, nom? Que sabor de boca che deixou esta segunda ediçom?

Mui bom, claro. No primeiro encontro fomos umhas 50 pessoas, e aqui mais de 100, apesar de que ficava mais afastado. Houvo gente de muitas idades e muitos lugares, de cooperativas de consumo e sindicatos, de aldeias e cidades… mas com muitas ideias em comum. Ainda que nom há um manifesto feito nem uns princípios escritos, todos os projetos que se achegam ali tenhem claros certos aspeitos como por exemplo o cultivo ecológico. Olham o rural com amor e com vontade, ainda que cada quem atope a sua fórmula.

Para além dos encontros das Jornadas Rurais, os projetos, tedes algum outro espaço de contacto?

Existem outras ferramentas como umha listagem de correio, ainda que evidentemente a web facilitaria mais este contato. E logo as iniciativas que trabalhamos em proximidade, atopamo-nos em espaços como os mercados; no nosso caso Lusco e Fusco e um ponto de encontro para toda a gente da zona de Compostela. Aliás, estivemos fazendo encontros mais ou menos umha vez ao mês nom tam públicos, como grupos de trabalho, para ir definindo temas como este da web.

A FUNDO

Coletivos ecologistas chamam a atualizar as leis de proteçom animal

MALTRATO ANIMAL E ESPETÁCULOS

Legislaçom autonómica e dinheiro público suportam eventos taurinos

Com o verao chega também um feixe de eventos em que o animal é um protagonista, acendendo-se os alarmes das associaçons ecologistas para denunciar as situaçons de maltrato que se dam neles. O exemplo mais paradigmático som as 'corridas de touros' que ainda decorrem anualmente em Ponte-Vedra e na Corunha. Os festejos taurinos contam com o amparo legal da Junta da Galiza através da Lei 1/1993 de proteçom de animais domésticos e animais em cativeiro, onde se excluem os espetáculos taurinos da proibiçom do emprego de animais. Nesta mesma lei, é permitida a realizaçom competiçons de tiro ao pombinho, umha prática que tem lugar na Ilha da Toja.

Corrida de touros em Ponte Vedra durante as festas da Peregrina de 2008 / FLICKR: FERNANDO

A.LOPES / A Lei 1/1993 conta com três pontos no seu capítulo 5º, referido aos espetáculos. No primeiro prescreve-se que "se proíbe a utilizaçom de animais em espetáculos, pelejas, festas populares e outras atividades se isso pode ocasionar-lhes danos, sofrimentos ou fazê-los objeto de tratamento antinatural". Porém, no segundo ponto determina-se que "ficam excluídos do âmbito de aplicaçom desta Lei a festa dos touros, encerros e demais espetáculos taurinos" e no terceiro assenta-se que a Junta "poderá autorizar sob o controle da respetiva federaçom a celebraçom de competiçons de tiro ao pombinho".

A associaçom animalista Libera! julga que esta legislaçom se encontra desfasada e que as duas exceçons que aponta o capítulo 5º foram "concessons da época de Fraga a grupos de pressom". "Por outra banda, as sançons nom estám atualizadas e dentro da rubrica de infraçons haveria que remodelar as questons para que a Lei tivera maior força e capacidade", opinam. Assim, Libera! indica que promovêrom umha proposiçom de lei, da qual já está constituída a ponência, "que apresentamos através da Alternativa Galega de Esquerda que incide no endurecimento das multas e na obriga do governo galego de desenvolver iniciativas de sensibilizaçom em colaboraçom com entidades protetoras".

Tauromaquia na Galiza

Ponte-Vedra conta com eventos taurinos nas Festas da Peregrina que decorrem no mês de agosto. Esta é a única cidade galega em que ainda se conserva umha praça de touros, que foi construída no ano 1892. Borxa Castro, da plataforma Touradas Fora de Ponte-Vedra, expom as razons polas quais estám a mobilizar-se contra a permanência dos eventos taurinos na cidade do Lérez: "A tortura e o maltrato animal numha sociedade que se di justa nom tem cabimento e representam os valores mais negativos do ser humano". Esta plataforma recolhe o testemunho da anterior Coordenadora Anti-Touradas nascida em 2006 e defende umha cultura popular em que nom se vejam cenas de violência contra animais. Segundo explica Castro, antes da conformaçom destes coletivos o descontentamento com a tauromaquia canalizava-se através de 'penhas anti-taurinas' dentro das festividades locais.

Castro também assinala que estes espetáculos na cidade continuam em pé graças às subvençons de Junta e da Deputaçom, assim como graças às pressons do lóbi taurino. "Empresários dixêrom que será difícil manter os eventos taurinos na cidade se desaparece a ajuda pública", afirma Castro, quem salienta que nom só se trata dum financiamento direto das festas, senom que também existe um financiamento indireto, pois o manutençom da praça, de titulariedade privada, realiza-se com fundos públicos.

Também na cidade da Corunha se ativou nos últimos anos a mobilizaçom popular contra os eventos taurinos, os quais se venhem realizando desde 1991 no Coliseu. A plataforma Galiza Melhor sem Touradas leva denunciando nos meios de comunicaçom os milhares e milhares de euros que o concelho herculino está a gastar na 'feira taurina' enquanto apenas se consegue atingir 20% da lotaçom. Por outra banda, neste ano o concelho corunhês nom conseguiu encontrar nengumha empresa que se encarregasse da organizaçom dos eventos taurinos para as festas de Maria Pita, também no mês de agosto. A razom disto, segundo apontam coletivos anti-taurinos, teria sido o alto endividamento com que ficárom as empresas que realizárom estes espetáculos em anos anteriores. Assim, este ano o concelho adia a programaçom das corridas de touros até outubro e procurará contar para essa altura com algumha empresa contratada.

> O Concelho da Corunha adiou a programaçom das 'corridas' de touros

Também na localidade de Sária se venhem realizando nos últimos anos eventos taurinos, coincidindo com a festividade do Sam Joám. Nesta vila é a plataforma Sária Livre de Touradas que está a mobilizar-se contra estes eventos. Neste ano, o coletivo convocou umha 'mani-festa Cultura contra a Tortura' que decorreu na mesma jornada em que tinha lugar a 'corrida' de touros. Por outra parte, coletivos anti-taurinos estám a desenvolver iniciativas paralelas na sua luita pola aboliçom destes espetáculos, tais como a proibiçom de entrada a menores de 16 anos a touradas. Esta iniciativa foi debatida no Parlamento, mas nom foi avante devido aos votos em contra do PP.

Festa do boi

A festa do boi de Alhariz foi recuperada em 1983 por um grupo de moços da localidade, entre os que estava o que mais tarde seria vice-presidente da Junta da Galiza durante o governo bipartido, Anxo Quintana. A tradiçom deste evento remontaria ao século XIV, quando um cristao chamado Jám de Arzua teria espantado, a lombos dum boi, a populaçom judia durante um desfile do Corpus Christi. Este lendário Jám teria ajudado economicamente em anos seguintes a que um boi atado com uma maroma percorresse as ruas de vila em memória daqueles feitos. Desde entom até o ano 1936 esta tradiçom se terá mantido, esmorecendo durante o franquismo para renascer nos anos 80 e ser declarada festa de interesse turístico em 2006 pola Junta da Galiza comandada polo PSdeG e o BNG.

> A Festa do Boi foi declarada de interesse turístico polo bipartido

Coletivos anti-taurinos também tenhem posto o seu foco de atençom nesta festa. Assim, a plataforma Galiza Melhor sem Touradas expom que a Festa do Boi de Alhariz nom é diferente de outros eventos tauromáquicos no conjunto de Estado espanhol como o touro 'enmaromado' de Benavente, os touros ensogados de Lodosa ou Cabretón, na Rioja, ou os 'bous ensogats' valencianos. "Estes festejos taurinos compartem um fim comum que nom é outro que o empregar animais para divertimento, facto que na plataforma abolicionista consideramos errado", assinala um vozeiro deste coletivo, quem salienta que "nom se pode defender o fim das touradas e manter outros eventos taurinos, tentando vendê-los como próprios, porque o maltrato nem tem fronteiras nem tem carné de origem".

A festa do boi decorre atualmente ao longo de nove dias nas proximidades do Corpus Christi. O boi é sacado polas ruas nestes dias arrodeado de um grupo de moços que o mantenhem atado polos cornos e que o axotam com

umhas longas varas de madeira. Umha multitude de pessoas juntase nas ruas do da vila para escapar do boi. Durante as festividades deste ano, a agência de informaçom EFE recolhia declaraçons de Anxo Quintana em que afirmava que este evento nom tem "nada que ver com a tauromaquia" e também do alcalde de Alhariz, o nacionalista Francisco Garcia, o qual afirmava que era "umha festa extraordinária que fai este povo com umha participaçom ativa de velhos, crianças e mocidade".

Imagens da Festa do Boi de Alhariz de 2011 / A.C. XAN DE ARZUA

As chegas

Outra frente que estivo aberto durante anos na luita contra o maltrato animal foi o das chegas de bois. Durante décadas estas 'chegas' tivêrom lugar no concelho arraiano de Moinhos, mas as contínuas denúncias de ilegalidade apresentadas por coletivos como Amigos da Terra conseguírom que em 2008 se deixassem de se fazer, depois de a Conselharia do Meio-ambiente multar o Concelho de Moinhos pola organizaçom das 'chegas'. Membros da associaçom Amigos da Terra apontam que as chegas já nom se fam, mas lhes consta de que em Moinhos continuam a realizar-se outros tipos de eventos taurinos.

As chegas de bois, onde dous bois de grandes dimensons se enfrontam diretamente, tem presença em zonas do norte de Portugal. A pesar que este evento sim foi declarado ilegal tendo em conta a literalidade da lei 1/1993, a Galiza Melhor sem Touradas pensa que nom se diferencia do resto de eventos taurinos que se fam e que a questom está nas diversas formas em que se regista "o uso e abuso da espécie bovina para espetáculos". Além disso, um dos porta-vozes deste coletivo assinala que "a lusofonia tem outras muitas potencialidades, além de configurar um património comum de maltrato animal".

> Houvo chegas de bois no concelho raiano de Moinhos

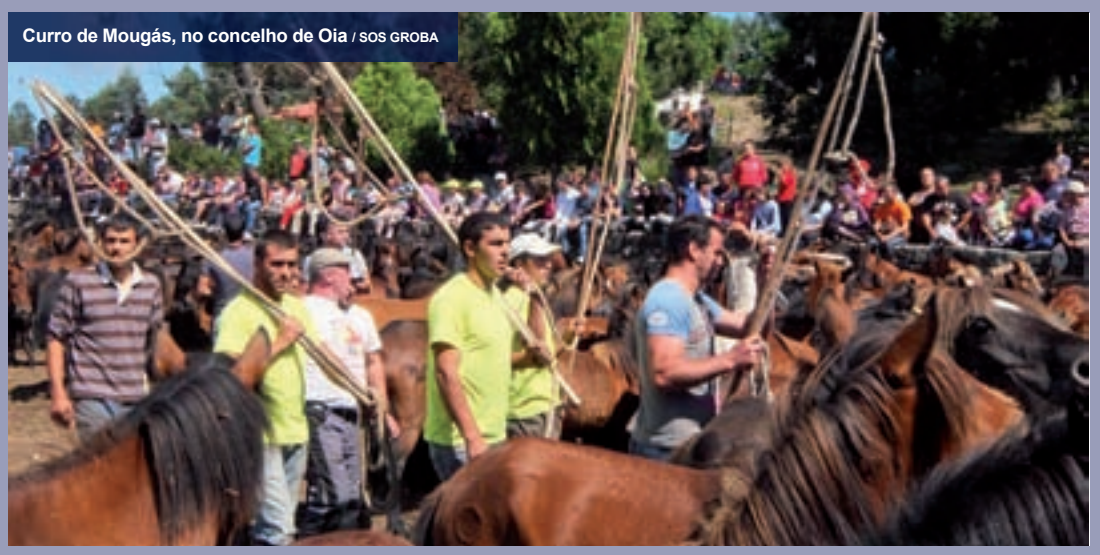
Tiro ao pombinho

Como dizíamos no início, a lei 1/1993 também permitia a realizaçom de campeonatos de tiro ao pombinho, umha prática que tem lugar anualmente na ilha da Toja, em Ogrove. Diversos coletivos ecologistas e em defesa dos animais da zona desenvolvêrom campanhas contra estes eventos.

Segundo indicam desde Libera! este campeonato de tiro estivo suspendido durante alguns anos, pois a Junta da Galiza entendia que a muniçom empregada era negativa para as zonas húmidas em que tem lugar o campeonato, mas foi de novo autorizada com o emprego de muniçom 'ecológica'. "Mas isto é umha curiosa escusa para um evento que apenas se realiza neste lugar, na ilha da Toja, e cujos participantes sempre estivérom vinculados a determinadas elites", opinam em Libera!.

Curros, entre tradiçom e espetáculo

O calendário dos curros começa no mês de maio, com o curro da Valga, no concelho de Oia, no Baixo Minho. Esta comarca e a do Vale Minhor som zonas em que a relaçom com o cavalo ainda se mantém vigente e é onde sobrevive umha espécie de cavalo autóctone. "Som os aqui chamados 'garranos', ou também popularmente 'burras do monte'", explica Xilberte Manso, vice-presidente da associaçom SOS Groba, quem assinala que há investigaçons em curso para certificar que é umha espécie que sobrevive desde a última glaciaçom.


Curro de Mougás, no concelho de Oia / SOS GROBA

No Vale Minhor e no Baixo Minho sucedem-se ao longo do verao vários 'curros'. Denomina-se assim às concentraçons de cavalos para serem marcados limpeza e desparasitamento. Assim, explica Manso como é um 'curro' no Vale Minhor: "O primeiro dia separam-se as crias e marcam-se com as tesoiras com a marca do dono. Levam-se os cavalos para o curro, enquanto a mao se separam as crias e metem-se no curro das crias. Às cinco da tarde há umha rolda de todos os proprietários, que comentam o que acontece e como se sacarám os cavalos. Primeiro sacam-se os garanhons, logo as 'burras' grávidas e depois a eito cada proprietário vai sacando as suas. A medida que se vam sacando, imobilizam-se com umha corda, curtam as crinas e desparasitam. Depois, vai-se aos curros de cria e arrimam-se à mae. Se vam para vender vam para o curro da venda".

Manso indica também algumhas diferenças com a 'rapa das bestas' de Sabucedo, pois neste caso som os próprios 'aloitadores' os que se agarram aos cavalos para fazer a rapa e salienta que historicamente em Sabucedo parte do rendimento da rapa das crinas ia para a Igreja, enquanto no Vale Minhor esta nom figurava entre os proprietários de cavalos selvagens. Por outra banda, é de salientar a crescente espetacularizaçom da 'rapa das bestas' de Sabucedo, declara de Interesse Turístico Internacional, e onde o acesso ao recinto da rapa está mediado polo pagamento de umha entrada.

> Animalistas criticam o emprego de 'trancas' e 'pejas'

Críticas ecologistas

Manso é ciente das críticas que fam aos 'curros' os grupos ecologistas e de defesa dos animais e pensa que a ingerência humana na vida dos cavalos selvagens deve ser a mais respeitosa possível. "SOS Groba quere fazê-lo em harmonia. Para dominá-los fai falta umha violência, mas é a mínima possível e tenta-se nom maltratá-los", afirma Manso. Assim, Manso comparte as críticas ao emprego das 'trancas' quando o animal está no monte ao longo do ano. Estas 'trancas' seriam uns paus de madeira que impedem que o cavalo corra e se empregavam sobretodo para evitar que estes entrassem nas aldeias, mas segundo indica ele, estes elementos nom tinham presença no Val Minhor. Do mesmo jeito, também estám a desaparecer as chamadas 'pejas', umhas tiras de coiro que se lhe atam nas patas, para obrigar o animal a andar a passos curtos.

A associaçom aninalista Libera mostra-se crítica e anima a fazer umha reflexom sobre os espetáculos relacionados com os 'curros' e a rapa. "Nos últimos anos vimos avaliando o trato que se lhe dá aos animais e entendemos que existe umha forma de tratá-los inadequada. As imagens mostram cavalos despavoridos polo que estám a sofrer e disto se está a fazer um espetáculo em muitos casos de pago", opinam. "Há que repensar a festa e ver que o espetáculo com animais converteu-se nisso, em espetáculo, e nom numha atividade ganadeira ou de higiene animal", exponhem desde Libera!.

Património

Xilberte Manso afirma que se vam perdendo proprietários de 'burras do monte'. "Antigamente cada família tinha 'burras' no monte e tinham um valor económico", afirma. Mas agora percebe que a gente está a desfazer-se deles e que por parte da administraçom autonómica estám a exigir-se-lhes diversos seguros que incrementam os gastos dos proprietários. Deste jeito, Manso bota a olhada cara o além Minho, onde existe umha proposta para declarar o garrano património nacional, e acrescenta que muitos proprietários portugueses se achegam aos curros do Vale Minhor e o Baixo Minho para mercar garranos enquanto na Galiza cada vez é mais custoso manter esta espécie.

ENTREVISTA

"A alcunha de 'Mário o português' imagino que foi criação coletiva. Fico muito contente com ela"

"Falava com os pais para apresentar o português como algo desejável"

MÁRIO AFONSO NOZEDA RUITINHA É PROFESSOR E REINTEGRACIONISTA

MARIA ÁLVARES / **Mário não foi um professor de primário convencional. A sua alcunha "o português" posta na Ilha, onde exerceu a maioria da sua vida laboral delata-o. Defendeu e lutou pela nossa língua desde as "trincheiras" das aulas durante toda a sua carreira profissional e fê-lo na normativa portuguesa. Dous fatores que lhe causaram a expulsão da docência 9 anos, com o "pretexto" de instigar o confronto social nas aulas. Longe de se render e com o apoio dos pais e dos seus alunos, quando volta continua a ministrar aulas e, com certeza, a criar consciência e orgulho de língua e de país.**

Na Ilha já sempre serás "Mário, o português" pela tua defesa da unidade da língua galego-portuguesa. Quem te pôs a alcunha?
Ignoro donde partiu, imagino que foi criação coletiva. Como em todo o país, sobretudo nas sociedades rurais e nomeadamente na beiramar, as alcunhas bem se sabe, são uma maneira essencial de reconhecimento. Em geral toda a gente aceita a sua. Eu aliás fico muito contente pela minha.

Antes de te reformares escreves um livro em português com o teu alunado, Falares da Arouça, onde recolhes "ditos" próprios da Ilha. Donde partiu a ideia?
Olhando o gravíssimo processo de perda cultural da Galiza dos últimos 30 anos, o caso da Ilha foi espetacular. Olha, quando nós chegamos à Arouça no ano 1982–1983, ainda de barco, ouvir espanhol era insólito. Hoje o difícil é ver crianças a viver naturalmente em galego. O povo da Arouça orgulhou-se sempre das suas cousas, mas em certo ponto acho que já aceita resignado esta fatalidade de se negarem a si próprios em bem do 'progresso'. Sei lá, se calhar com pouco resultado, mas tentei lutar contra o alzheimer programado. Quis avivecer o que nos dá sentido como humanos e como seres sociais, o que nos faz sentir dignos. Foi muito por isto pelo que em 4 anos letivos dedicamos três semanas de atividade as raparigas e rapazes do ciclo superior a fazer um trabalho de pesquisa no ambiente social da Ilha, na recolha de palavras, ditados, expressões, cantigas... É um trabalho incompleto de reconstrução do património, aberto a quem o quiser prosseguir. A publicação do livro foi também uma espécie de testemunho vital da minha passagem pela Ilha e uma maneira de exprimir gratidão a quem me acolheu.

Como consegues ensinar ao longo da tua vida docente em português? Imagino que não isento de entraves...
É uma história longa. O meu primeiro destino foi em Lira numa escola unitária do Condado do Minho pouco após a morte de Franco. Eu estava decidido mas cheio de medo. Para além disso não havia materiais. Os amigos presentearam-me *O Catón Galego* de Ben-Cho-Shey, um método silábico, antes de passar a outros globais dos coletivos de vanguarda que surgiam. Tive confrontos com algum pai porque eram insólitas as aulas em galego, e diziam-me que os meninos iam ficar de burros, porém quando comprovaram que os seus filhos eram dos primeiros em ler e escrever, ganhei prestígio. Ali, no

"O AGAL afasta-nos da nossa gente mas também da lusofonia"

Condado foi quando comecei a ver as enormes similitudes do galego com o português. Pode-se dizer que cheguei ao português por uma evolução natural. Primeiro com a norma AGAL, com o manual do Martinho, mas por um processo de convicção e por simples praticidade vinguei no padrão. O AGAL pode prestar para figurar dentro dos cenáculos intelectuais mas para a prática não serve. A gente o identifica com o português mas não o é: Afasta-nos da nossa gente mas também da lusofonia... é uma opção antieconómica. Portanto ia a Portugal por material pedagógico, contudo também elaborei os meus próprios apontamentos, fiz uma história da nossa língua, fundamental para compreender o porquê da nossa escolha.

E com a administração, pais ou os teus colegas, houve polémica também, não é?
Quando estávamos ainda no Condado, em Leirado, também explicava aos alunos história, falavalhes do binómio Espanha–Galiza... e numa substituição de férias ficaram chocados, o substituto disse que o professor era um terrorista. Chamaram a Inspeção e começaram a recolher assinaturas pelas freguesias para me botar. Na minha ninguém assinou, foi comovente. Na ilha fui perseguido e acossado persistentemente até acabar em expulsão por 9 anos.

Que aconteceu para a administração tomar essa medida?
O clima foi aquecendo por causa das minhas aulas em português, na escola chegaram a dizer que eu manipulava pais e alunos. Fizeram todo o possível para me botar. Os alunos faziam manifestações em meu favor e mães de outros alunos batiam neles ou não os deixavam ingressar na minha turma. No ano letivo 88–89 chegou-se a construir uma sala de aulas nova e contratar um professor propositadamente nomeado para os pais de alunos da minha turma poderem escolher entre português e espanhol. Uma hipótese nunca vista e ilegal: criei emprego mesmo! Produziu-se uma adesão ao português impensável, houve pais até com filhos em outros professores que escolheram português. Porém aqui a ordem era clara: isso não podia ser. Imagina: pode-se renunciar à Galiza, mesmo é conveniente, mas à Espanha, nunca. Chateados, pais de alunos pró-português decidiram candidatar-se a representantes de pais no Conselho Escolar, e nas eleições mais concorridas ganharam maioria, 3 de 5 representantes.Um bocadinho mais tarde houve um conflito entre um aluno dos mais velhos e um professor, onde chegaram a vias de facto. Culparam-me de criar confronto na escola e Educação expulsou-me.

E que fizeste?
Partir para Ourense, a nossa cidade, com as filhas e a mulher, professora no mesmo centro. Proibiram-me dar aulas e destinaram-me a um Centro de Recursos Didáticos. Aproveitei para fazer licenciatura de História e Geografia na Universidade, por sinal, também em português. Aos 9 anos voltamos para a Ilha, sendo bem advertidos. O inspetor disse entre ameaças que não ia consentir qualquer imposição linguística. Respondi-lhe que a única imposição de sempre era a do espanhol, que ele cumprisse com o seu dever, que eu ia cumprir com o meu.

Davas aulas de espanhol?
Sim, em primário. Não consentia que misturassem: "Nas aulas de espanhol, tudo em espanhol, nada de mixórdias."

E que há das aulas em galego?
Eu queria que se familiarizassem com o português, mas não que fosse um problema para eles. Vinham de outro professor e depois de eu iam passar a outro que muito provavelmente utilizava a norma ILG. Quando se defronta a realidade e se olham estas distonias, percebe-se que se deve ir com cuidado. Queria que os pais vissem que era uma coisa séria, por isso falava com eles para apresentar o português como desejável, como um valor, não como um problema.

Que achas da situação do galego?
É um decalque do país, a língua está em situação terminal... igual que o país, morre pela assimilação à Espanha. Julgo que este estado de cousas possa ter solução, e esta passa pelo reintegracionismo.

TRIBUNA

Fábula do Tio Manolo

O SECULAR DRAMA MIGRATÓRIO VEM AGORA ENVOLVIDO EM PAPEL DE PRESENTE

RUBÉN MELIDE / O Tio Manolo era o irmao pequeno do avô. Como ele, nascera na aldeia vizinha, encostada na ladeira e um algo mais pobre do que a aldeia própria, que descansa no fundo do vale. Ainda nom sendo bem um homem, o Tio Manolo emigrou para a Argentina, de onde voltava de tanto em tanto para estar com a sua família.

Para o rapaz, a Argentina era umha sorte de país mítico, tal como umha Arcádia, um jardim das Hespérides ou umha Ilha de Sam Brandám. Entre a praia de Bronha e o Rio da Prata havia todo um inabarcável oceano, povoado por monstros desconhecidos que habitavam fundos abissais; um oceano sulcado por barbados náufragos agarrados a estacas como quem se agarra ao derradeiro fio da vida, e atravessado por luídas garrafas de vidro branco que continham mensagens que a criança nunca iria ler, e que se lesse talvez nom poderia decifrar. Atravessar esse oceano mágico e insondável e chantar os pés em Buenos Aires custava na altura duascentas mil pesetas, talvez o duplo do salário de alvanel do pai da criança.

Cada vez que um aviom - qualquer aviom - sulcava o céu do vale, o neno saudava as alturas, despedindo-se do Tio Manolo. E cada vez que o Tio Manolo voltava da Argentina, a família e as pessoas chegadas da aldeia despregavam toda umha mística aprendida e acumulada pola nossa gente em séculos de sucessivas experiências migratórias, dos moços de fretes da Lisboa do dezanove aos hotéis alpinos dos oitenta, passando pola sega de Castela ou pola *zafra* cubana: o Tio Manolo era o centro de todas as juntanças, igual que as caçoletas o som naqueles petróglifos formados por círculos sucessivos, porque o Tio Manolo tinha *mundos e parafundos*, vivera trepidantes aventuras na Boca, fora o rei da Chacarita em muitas noites de esmorga e convivera com o perigo sem se despentear na cidade de Lanús. O Tio Manolo: o emigrante, o aventureiro, o herói.

Porém, passárom-se os anos - nem tantos, mas passárom-se-, e a criança foi virando em adolescente, ao tempo que a Argentina virava noutra Argentina: Menem, a crise, de la Rúa, o *corralito*... O Tio Manolo, o Tio Segundo Manolo, voltou da Argentina para a aldeia encostada na ladeira, e a imagem por ele projetada nom escapou da onda de mudança que trazia o novo milénio. O avô queixava-se do irmao: *foi para a Argentina, tivo umha loja, seica trabalhou em Mar del Plata, e quartos fijo... mas claro: venha putas, venha cubalivres*... Muita soberba de dios, como ia voltar com nada para a casa? As idealizaçons fôrom erodindo, como os círculos concêntricos gravados nas pedras, e Manolo, o Tio Segundo Manolo, passou de viageiro de fortuna e mil singraduras a pobre diabo no que tardárom os calendários em mudar o 19 polo 20 para começar a nos referir ao ano.

> Deixamos o ecossistema nativo para habitarmos nichos de trabalho

Passaram-se novamente os lustros -nem tantos, mas já se sabe- e a crise decidiu atravessar também aquele oceano povoado por mágicas quimeras. A emigraçom, que nom é novidade aqui, viu-se reforçada polo aparelho propagandístico e ideológico do Estado e do mercado: *Erasmus* na Lituánia, *Galegos no mundo, Españoles por el mundo, cool, Barna*, Camden, Berlim. O secular drama que nos dessangrou como povo no passado vem agora envolvido em papel de presente: do galego com sotaque rioplatense à ostentaçom de *advanced English* de quem nom é quem de pronunciar as sete vogais da nossa língua; da tristeira fotografia de Manuel Ferrol ao *selfie* no Pier Head de Liverpool.

Agora somos *gente de mundo*: o capitalinho que pretendiam angariar os nossos passados é na atualidade também um capital simbólico, umha pretensom de reconhecimento social do cosmopolitismo próprio que pode cristalizar num tweet em inglês de copia e cola ou numha foto de instagram do relógio astronómico de Praga publicada no Facebook.

Enquanto o discurso hegemónico nos repete umha e outra vez, a modo de mantra, que emigramos para nos enriquecermos culturalmente, a verdade é que nos deslocamos do nosso ecossistema nativo para habitarmos nichos de trabalho e povoarmos espaços de vida mercantilizados: o frequente ao migrarmos nom é dar polas esquinas com os jacobitas escoceses ou com Baudelaire -nom sendo em modo de imagem enlatada para vendermos aparência-, mas com o Sainsbury´s, o Tesco ou o Intermarché, ou talvez com o Emmaüs como versom mais *underground*. Os tristes ares de exclusividade (massiva e popular exclusividade, valha a contradiçom) em que voltamos envolvidos ao regresso das nossas experiências migratórias, mal ocultam o que somos como classe social e como povo: umha coletividade de desterrados mais ou menos pola força e umha fonte de mao-de-obra barata. Isso sim, sustendo um copo do Starbucks no canto da bombilla de mate do Tio Manolo.

Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a **NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela**

Nome e Apelidos ____ Tel. ____
Endereço ____ C.P. ____
Localidade ____ E.mail ____
☐ NºConta ____
☐ Junto cheque polo importe à ordem da A.C. Minho Media

ASSINATURA

☐ Subscriçom + livro = 35 €
☐ Subscriçom anual = 24 €
☐ Subscriçom + pack bilharda = 30 €
☐ Subscriçom + duplo pack bilharda = 35 €
☐ Assinante Colaborador/a = ____ €

ENTREVISTA

"Precisamos da implicaçom de todas as pessoas, coletivos e instituiçons, nom sobra ninguém"

MARCOS MACEIRA É PRESIDENTE DA MESA POLA NORMALIZAÇOM LINGUÍSTICA

"A obra de Filgueira nom pode ocultar o seu compromisso com um regime assassino"

EDUARDO MARAGOTO / **O novo presidente da Mesa, Marcos Maceira, é mui conhecido em Compostela pola sua militáncia no Bloco Nacionalista Galego e na UPG, embora possua longa experiência no campo do associacionismo cultural, tendo sido presidente da associaçom cultural O Galo. O seu vínculo com a Mesa tampouco é recente, e tanto nesta associaçom como na plataforma Queremos Galego fijo parte dos seus órgaos diretivos. A sua legislatura começou com um prato de digestom nom demasiado fácil: o anúncio de que as Letras de 2015 serám para Filgueira Valverde.**

A identidade entre Carlos Callón e a A Mesa chegou a ser realmente forte. Dá-che medo nom conseguir que as pessoas o esqueçam?
É normal que o trabalho de Callón se identifique com a Mesa. Fôrom mais de doze anos de atividade frutífera de Carlos a favor da língua como presidente. É um trabalho continuado que identifica a Mesa como referente na luita a favor do idioma, e nom só nom há que esquecê-lo senom que há que tê-lo sempre presente. O que daria medo seria que as pessoas esquecessem o trabalho que realizou a Mesa.

A tua nomeaçom, de qualquer modo, surpreendeu. Num momento em que o papel vertebrador da sociedade das forças políticas clássicas é questionado, o teu nome pode nom parecer o mais adequado para acompanhar as necessidades da língua. A tua vinculaçom ao "aparelho" é mui conhecida.
Eu estou vinculado como ativista, como milhares de pessoas, a organizaçons necessárias para a existência da Galiza, todas elas bem pouco clássicas, tanto polo que defendem, que é absolutamente moderno, como polo modo de se organizarem com mecanismos de participaçom inquestionáveis. Às vezes, pretende-se caricaturar o facto de que as pessoas se organizem, mesmo insinuando que a participaçom incapacita para exercer direitos cidadaos como a opiniom ou, levado ao absurdo, presidir associaçons para o ativismo, lingüístico neste caso, quando realmente é através dela que esses direitos se conquistam. Precisamente porque é indispensável para conseguir qualquer avanço social como os direitos lingüísticos. Esses aparelhos de que às vezes se fala, creio que existem, e bem organizados, no outro lado, no que pretende que o povo galego nom tenha expressom de nengum tipo, a começar pola língua. Na Mesa participa gente ligada a quase todos os partidos e organizaçons de dentro e fora do Parlamento ou nom ligadas a nengumha outra organizaçom. Todas fam falta para o idioma.

"Gostaríamos de ter boas relaçons com todos os partidos políticos"

A relaçom da Mesa com o BNG e a CIG é algo que pode estorvar a sua referencialidade social?
A Mesa, sendo apartidária, tem boa relaçom com todos os partidos e organizaçons que defendem a língua e a necessidade de normalizar o seu uso, incluídas o BNG e a CIG. Teria algum sentido levar-se bem com os que andam à pancada com o galego e mal com os que atuam para normalizá-la? Em qualquer caso, gostaríamos de ter boas relaçons com todas as organizaçons políticas, mesmo com o Partido Popular, mas isso nom depende de nós, que temos posiçom conhecida, dependerá de que eles assumam compromissos pola língua.

Como correu o último ensaio de manifestaçons em oito cidades no dia das Letras? Vai-se repetir?
Isso avaliaremo-lo na plataforma cidadá Queremos Galego, da qual a Mesa forma parte junto com mais de 700 coletivos de todo tipo. A participaçom neste 2014 foi multitudinária. Desde o começo do quinquénio negro de Feijó, se algo se demonstrou nas ruas é que a língua galega une, precisamente porque nos identifica como galegas e galegos.

A homenagem das Letras para Filgueira é o último episódio de tensom entre a RAG e a Mesa. Considera possível continuar a contar com a RAG para a normalizaçom?
Para a normalizaçom do galego precisamos da implicaçom de todas as pessoas, coletivos e instituiçons. Nom sobra ninguém, tampouco a RAG. Ora bem, isto nom pode servir para aceitarmos sem mais todo o que ela figer e nom criticarmos todo o que tem de criticável, sobretodo se vai contra os princípios que motivam a sua existência.

A que pensa que se deve esta decisom da RAG? Contornar a figura de Carvalho? Reconciliar-se com o PP depois de alguns desencontros?
Até agora as autoras e autores homenageados, além doutros debates que pudesse haver, mantinham duas características além da sua ideologia ou crenças: obra em galego e exemplo para a sociedade galega, tal como recolhe a ata da Academia em que se institui o Dia das Letras. Filgueira nom pode ser exemplo para ninguém. É um erro que a RAG deve corrigir, a nom ser que creia que Filgueira, que foi um alto cargo político da ditadura, é um exemplo para a sociedade. Nom se pode utilizar a sua obra para ocultar o seu compromisso de primeiro nível com um regime assassino que destacou pola perseguiçom da língua galega. Estamos a falar de homenagear no Dia da nossa língua, nom de fazer um congresso sobre a sua obra.

"O movimento normalizador deve impulsionar a Iniciativa Paz Andrade"

Até onde está disposta a chegar a Mesa para opor-se a esta decisom?
No 17 de maio celebraremos o Dia das Letras Galegas porque é o dia da nossa língua. Evidentemente, nom homenagearemos Filgueira, porque nom consideramos que deva ser objeto de celebraçom para quem defende o galego.

Há dous anos que surgiu a primeira escola de ensino galego (Semente) e vai surgir outra em Vigo. A Mesa acaba de posicionar-se contra os retrocessos no ensino infantil: vai implicar-se em projetos desse tipo?
A Mesa apoiará todas as iniciativas da sociedade tendentes a normalizar a língua galega. O ensino na língua própria é um direito absolutamente desprezado por parte da Junta que o deve garantir em todo o ensino, e nom proibi-lo como fai com o atual decretaço contra o galego de 2010.

O reintegracionismo deu passos à procura de reconhecimento institucional com a ILP Paz Andrade. Acha possível umha via de colaboraçom permanente de todo o movimento normalizador e de todas as forças políticas promovendo a aplicaçom desta Lei?
O movimento normalizador deve impulsionar a Iniciativa Paz Andrade e a Mesa já há tempo que reclama medidas que estám recolhidas nela, polo que vejo possibilidades de trabalharmos em comum. Por sua vez, gostaria, como dixem, de ver todas as forças políticas a trabalhar juntas a favor do idioma, mas isso requer umha forte mudança, especialmente por parte do PP.

MEDIA

Faz Roberto Saviano jornalismo de investigação?

'ZERO ZERO ZERO', UMHA PUBLICAÇÃO SIMPÁTICA PARA O PODER

CARLOS C. VARELA / O escritor italiano Roberto Saviano voltou às livrarias com *Zero Zero Zero*, e com ele todo o fenómeno mediático que o envolve. Com este seu último livro investiga o mercado mundial da cocaína, mas a leitoras de países como a Galiza não lhes passará por alto uma ausência gritante: o das relações do narcotráfico com o poder. Em *Zero Zero Zero* o narcotráfico age numa espécie de vácuo político, apenas Salinas de Gortari, irmão do que fora presidente do México, sai salpicado pola cocaína. Mas o considerado mártir do jornalismo de investigação não engana ninguém: o livro abre-se com uma dedicatória aos carabinieiri, e encerra-se com uns extensos agradecimentos a corpos policiais de meio mundo, incluindo a Guarda Civil, os Mossos d'Esquadra e o omnipresente Baltasar Garzón. Assim é que o El País celebrará a sua "simpatia para tratar com as fontes": e é que *Zero Zero Zero* é isso, uma investigação simpática para o poder, a sua única fonte.

A parte mais aproveitável do livro é a que analisa o narcotráfico como última ancoragem "real" da bolha financeira. Porém, do que Saviano chama "narcocapitalismo", como de todas as teorias sociais monocausais, convém desconfiar. O napolitano, que considera que o "mundo contemporáneo começa aí, nesse Big Bang moderno, origem de fluxos financeiros imediatos", remata atrapado numa metáfora que quer apurar até o final: Saviano pretende explicar tudo através da cocaína, tal e como a vulgata marxista reduzia todo o complexo social a economia. Analisa, por exemplo, os conflitos políticos como epifenómenos do narcotráfico, e aí comete os seus principais erros. O italiano espraia-se sobre a "narcoguerrilha colombiana", a "heroína talibã", o "narcotráfico de Hezbullah" e, como não, ETA, o seu comodim mediático em Espanha. Nem cita, não obstante, as sólidas investigações que denunciam a ativação do narcotráfico como via de financiamento das contrainsurgências: eis as culturas de ópio no Vietnam ou o Afeganistão, intensificados à par da ocupação estadunidense, como tem sublinhado Noam Chomsky.

Desde volta, em *Zero Zero Zero*, Roberto Saviano apenas cita a organização armada vasca numa página. Francesco Ventrici, vinculado supostamente à 'Ndrangheta calabresa, teria recebido em 2000 um ultimato de Daniel, o seu fornecedor colombiano de cocaína. Este afirmaria que lhe tinha entregado 2 milhões de dólares "aos seus amigos da ETA" para que atentassem contra a sua morada. Outro narcotraficante, Ramiro, teria tranquilizado o calbrês assegurando-lhe que "Daniel vende mercadoria aos terroristas bascos, mas que há que desbotar que a ETA

UMBERTO NICOLETTI

> Saviano pretende explicar todo através da cocaína no relato do seu livro

se mobilize pola recuperação de créditos". Dito por palavras, que a ETA não aceita encomendas de "terrorismo ao domicílio"…

No principal ato de promoção do novo livro no Estado espanhol, a entrevista televisiva com Jordi Évole, Saviano teimará no alegado envolvimento da ETA no narcotráfico internacional. Mostra-se surpreendido pola escassa credibilidade que dão à sua teoria, e reconhece que mesmo Alfredo Pérez Rubalcaba a descartou. Milhares de investigações, detenções, interrogatórios e mesmo torturas, não forneceram nem o menor indício sobre o "narcofinanciamento" da ETA, mas Saviano não desiste. De facto, há anos que anda a insistir.

Iñaki Egaña, quiçá o investigador que mais sabe sobre a ETA, retrucou-lhe com um artigo no diário *Gara* ("Un etólogo más, Roberto Saviano". 14/3/2014). Nele recorda a gira promocional, em 2009, de *Gomorra*, o livro que lançou o italiano ao estrelato. Pisou forte em Espanha ao revelar a notável conexão narcopolítica entre ETA e os talibãs (EFE, 15/8/2009), e sobretudo ao sustentar que em 2003 a ETA trocara cocaína do cartel de Cáli por armas da Camorra. Que o cartel de Cáli se desarticulara em 1995 com a detenção dos irmãos Rodríguez Orijuela foi um dado que nenhum jornalista espanhol acertou a encontrar no Google. Mas a digressão continuava, e após Saviano reconhecer que não tinha "provas diretas", retomou um "rasto" que teria encontrado em 2003. Nesse ano, uma militante basca ter-se-ia reunido em Milão com um delegado da Camorra: Raffaele Spinello. Deste homem só se sabe o que disse Saviano, e uma achega do *La Razón*, que diz que era "um arrependido". Nos meios italianos não existe. "Porque *Spinello* – explica Egaña - é um giro literário, no melhor dos casos. No pior, no que estamos, uma grosseira invenção, uma manipulação. Quem tiver noções de italiano, já o terá adivinhado. Em gíria, spinello traduz-se por "xarro" (ou "porro" em coloquial hispano).

Seja como for, uns poderes políticos e mediáticos como os espanhóis, tão dispostos a intoxicar os movimentos independentistas, não estão a fazer muito caso de Roberto Saviano neste assunto. Talvez porque poderia tomar uma direção inesperada: as implicações no narcotráfico de gente destacada da contrainsurgência, como Rafael Masa, exchefe do serviço de informação da Guarda Civil, e Máximo Blanco, número dous de Intxaurrondo, etc. Ou mesmo a "acumulação originária" do projeto político do PP nas rias galegas, como reconheceu o próprio Laureano Oubiña. Melhor calar, e que Roberto Saviano se limite a esse folclorismo cocaleiro, com que descreve as mais inverosímeis formas de transportar cocaína.

NOTAS DE RODAPÉ

Deve governar a lista mais rejeitada pola maioria?

Umha pragmática "regeneraçom democrática" parecelhe a Mariano Rajoy a melhor maneira de inaugurar o reinado de Felipe VI.

Núñez Feijóo secunda a declaraçom com mais entusiasmo do que nengum outro cargo do PP. A arroutada é tam intensa que poderia ser interpretada como *mea culpa* por todas as burlas contra a democracia cometidas polo seu partido.

Vai ser por fim um delito o carrejo de votos? Veremos a revisom judicial do 'pucheiraço' de Fraga com votos da emigraçom por Ourense em 1989? Abrirá-se a pública consulta a contabilidade dos governos de Fraga e Fernández Albor?

Antes de aplicar o cautério sobre a podrémia, explique Rajoy em que consistem os erros de funcionamento da Democracia. "Incrementar os controlos para evitar cousas indesejáveis" (*indesejadas*, dixo Rajoy) poderia ser, por exemplo, extremar a censura e blindar ainda mais o exercício do poder.

Para o que Feijóo chama já sem vergonha "o ámbito regional", a energia contra a degeneraçom democrática concentra-se na eleiçom de alcaides. O fracasso intermitente de Fraga na Galiza urbana que ainda persegue ao seu sucessor.

Consistirá nisso o repintado democrático que tam urgente cuida Feijóo? É mais democrático que a lista mais rejeitada pola maioria poda governar?

Por que escolhe Feijóo Pontevedra para lançar o seu alegado contra maiorias? O seu partido dinamitara antes a Lei de Costas 22/1988 como um passo para perpetuar umha química pesada (condenada por Delito Ecológico) ao pé da urbe. Polo visto, nom abundava.

CULTURA

A Sega procura visibilizar as autoras e analisar desde o feminismo o repertório do sistema literário galego

CONVERSA COM A PLATAFORMA DE CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA A SEGA

“Sim há uma mudança, somos nós a fazê-la”

L. D. R. / Ha algo mais de um ano nascia A Sega, uma plataforma de crítica literária feminista. Nas suas palavras, A Sega “procura por um lado, a visibilização das autoras no sistema literário galego e, por outro, fazer uma análise crítica a partir do feminismo dos repertórios desse sistema. Também buscamos implicar e desenvolver ações na sociedade, ateliês, encontros, homenagens... que visibilizem as autoras”.

As segadoras, como elas próprias se denominam, são um grupo variado de críticas. Mais de meia dúzia de profissionais de diferentes eidos vinculadas dalguma forma à literatura. Ana Morales, Andrea Nunes Brións, Andrea Ruthven, María Reimóndez, Eli Ríos, Lara Rozados, Susana Sánchez Aríns e Beatriz Suárez Briones respondem em coletivo às perguntas da entrevista.

No seu website, *www.asegacritica.net*, publicam críticas a obras literárias, fundamentalmente de mulheres. “As obras escritas por homens já têm os espaços noutros meios. É curioso como no nosso website são contadas as recensões dedicadas a autores e, em troca, não reparamos na quantidade de espaço dedicado a autoras nas revistas especializadas, nos poucos espaços audiovisuais, nos suplementos literários dos jornais ou nos blogs dos críticos.”

A primeira vista, o mundo da crítica literária ainda parece ser mais desigual que o mundo editorial, tendo em conta a quantidade de autoras publicadas no sistema literário galego. As segadoras não estão muito de acordo com estes dois juízos. “Esse é um dos tópicos que funcionam bem e que facilitam o statu quo. Mas quando alguém bota contas, e transforma, por exemplo, 'a presença grande' em dados estatísticos, a realidade resulta ser outra. Tanto a produção, como a crítica, estão inseridas no mesmo sistema de valores que o resto da sociedade. Os espaços de poder, de autoridade já não é que estejam ocupados por homens, senão que estão atravessados por uma ideologia patriarcal em muitas ocasiões invisível, de tão naturalizada.”

A SEGA

As desigualdades que dominam em todos os eidos também são refletidas neste, o literário, e mais em concreto o da crítica. As mulheres leem mais que os homens, mas têm menor cabida, não só como autoras, senão como protagonistas dos livros. As mulheres são maioria nos cursos de letras, não obstante nos trabalhos vinculados a estas, ganham os homens, não só em número, mas também no nível dos postos de trabalho. Para onde caminhamos a respeito disto? “O mundo está construído para que os espaços de poder sejam ocupados porque quem tem que ocupá-los. As mulheres só acedem a eles, em muitas ocasiões, com tal de assumir como própria a ideologia dominante. Os homens elegem homens. E isso acontece também no espaço universitário e no literário. Nós não percebemos grandes mudanças, de ser assim não teríamos criado o grupo. As mudanças são feitas pelo sistema para que tudo continue igual. Colocamos cá uma mulher, que nós escolhemos, elogiamos outra lá, que nós queremos... e sempre que não sejam incômodas para o discurso hegemônico.”

Porém, sublinham, as coisas não mudam sozinhas. “Há algo básico para que as coisas mudem, já que estas não vão mudar por inércia: a ação. É aí que se insere a nossa iniciativa. Para mudar o mundo é preciso fazer algo e não

Dia das Galegas nas Letras

Além da polêmica que está a criar Filgueira Valverde, o autor escolhido pela Real Academia Galega para o Dia das Letras 2015, desde A Sega levam tempo a trabalhar na sua proposta para a celebração do Dia das Galegas nas Letras. Uma forma de visibilizar as mulheres que trabalharam em prol da cultura do país, e que continuam a serem excluídas das celebrações oficiais: dos 51 anos de celebração das Letras Galegas, apenas três das pessoas homenageadas foram mulheres.

Dorothé Schubarth, à esquerda, durante umha recolha de canto tradicional

Escolheram a data do dia 15 de agosto, e como primeira homenageada, a musicóloga suíça Dorothé Schubarth. A escolha é suficientemente significativa; Schubarth foi pioneira na recolhida de canções populares pelo país tudo, e não só publicou a sua recolhida, também deu crédito às pessoas que as cantavam, majoritariamente mulheres.

Além de homenagear esta musicóloga, da Sega pretendem pôr em entredito esse argumento esgrimido por diversas instituições de que não há autoras que homenagear no eido cultural, sublinhando o desconhecimento e desinteresse por dar voz a figuras femininas que trabalharam pela cultura galega.

ficar pampas a olhar o desastre. Portanto, da nossa perspectiva sim que há uma mudança, porque somos nós, as mulheres, a fazê-la. Agora o que precisamos são mais vozes que se unam e participem na mudança."

Internet como chave mestra

As novas tecnologias têm sido chaves na hora de marcar posicionamentos e lançar ideias e conteúdos. No caso d'A sega, a internet é básica, posto que todos os trabalhos críticos são publicados no seu website. "A questão é que se não se abrem umas portas, temos a possibilidade de tirar de piqueta e furar os muros. Essa é a estratégia das segadoras. Não há lugar para nós em jornais e revistas? Pois criamos o nosso espaço. E a nossa voz pode ser escutada, lida. È claro que isto não soluciona o problema, pois, por exemplo, como sempre, o nosso trabalho não é remunerado e outros sim.

Mas sim podemos chamar a atenção sobre a situação e provocar uma reflexão que consideramos necessária."

Se bem têm objetivos claros e definidos, o seu modo de trabalhar mostra mais os interesses de cada uma das segadoras. "Trabalhamos em total liberdade. Cada uma de nós faz as propostas que quer de leitura e análise, sobretudo se temos em conta que o nosso trabalho depende dos nossos tempos livres, portanto é bom que façamos aquilo que nos apetece. Ás vezes chegam livros para serem comentados, outras é uma novidade ou comentários sobre uma obra que chama a atenção dalguma de nós ou de várias e alguém se anima a comentar; outras vezes, duas segadoras decidimos acometer a mesma leitura e outras uma leitura chama por outra. Mas na generalidade dos casos, cada uma de nós tem gostos e apetências leitoras que as levam por um caminho próprio, do qual as outras aprendemos."

> "Temos a possibilidade de tirar de piqueta e furar os muros"

A intenção na escolha das obras é clara: "Tendo em conta que um dos nossos objetivos é visibilizar autoras é lógico que procuremos autoras das quais escrever, obras que ficaram ocultas e que acreditamos que pagam a pena, obras que pensamos que não foram bem entendidas porque foram escritas duma perspectiva feminista em que a crítica não reparou, autoras estrangeiras que reclamamos para o nosso cânone, por necessárias. O caso é deixar claro que não é certo que não existamos".

A mais dum ano de terem começado a sua iniciativa, o balanço é positivo, e muito o trabalho que fica por diante. "É realmente motivador quando alguém te conta que leu a crítica e que se decidiu a comprar a obra mencionada ou oferece a sua opinião sobre o que foi escrito. Poder gerar debate e reflexão é muito gratificante. Muitas pessoas ainda têm receios com isso de deixar comentários no website assim que esperam a encontrar-te em pessoa ou fazem-no por via privada. De qualquer modo, é motivador para continuar na ceifa".

"Baila na ponta do pé, baila na palma da mao..."

'ELELELOS'. MUSICAS DE TRADIÇOM ORAL NO CONCELHO DE BUEU

AARÓN L. RIVAS / Com o termo 'elelelos' eram designadas nalgumhas zonas da península do Morraço as cançons e bailes que acompanhavam as festas e reunions populares. "O cantar do elelelo/ quem o truio a esta terra?/ Umha mulher polainuda/ com a polaina na perna" exprimia através dum cantar tradicional umha das informantes com quem a Associaçom Cultural Retrouso leva mais de 15 anos a trabalhar para recuperar os sons tradicionais que ainda sobrevivem. Assim, Elelelos. Músicas de tradiçom oral no concelho de Bueu, é um trabalho que expom umha parte dos centos de ritmos, coplas e sons recolhidos em diferentes paróquias desta vila marinheira; mas também é umha mostra do trabalho musical que está a desenvolver a A.C. Retrouso, da paróquia de Cela, com adaptaçons de vários cantares tradicionais e populares."

Com Elelelos pom-se à disposiçom do público parte do repertório tradicional que ainda se conserva na vila de Bueu. A escuta de todo o trabalho desvenda, no seu conjunto, a importáncia da expressom musical na vida social galega. Se bem a grande maioria dos cantares recolhidos som para acompanhar o baile, em *Elelelos* também som recolhidas anedotas e cançons populares, mesmo procedentes das comparsas de Entroido, que dam testemunho de diversos momentos da história de Bueu que contam com umha reposta popular canalizada através da música. Assim, o disco começa com o 'Conto da Charra de Cela', onde é lembrada umha mulher retaliada durante o levantamento do 36 a qual, um tempo depois, trabalhando na conserveira da família Massó cantava "Os que eram comunistas/ agora som requetés./ Cambearon a chaqueta/ co direito p'o revés" diante dos donos da fatoria.

Imagem da recolha do Cantar de Natal de Cela (Bueu) / AC RETROUSO

Na recolha estám presentes cançons que se integram no 'ciclo do Natal', umha das épocas do ano com mais riqueza musical. Assim, este ciclo contaria com cantares específicos para os dias festivos que se celebram entre Noite Boa e Reis (e que seriam Noite Boa, Natal, Ano Velho, Ano Novo e Reis) e os vilancicos, que se cantavam de forma popular ao longo de toda esta época do ano. Estes últimos costumam ter a sua letra em galego, mas as dos dias específicos do ciclo do Natal som cantadas em castelhano. Por outro lado, a hibridaçom entre o galego e o castelhano é habitual em boa parte das cançons recolhidas em *Elelelos*, o qual indica as dificuldades históricas da língua galega para se normalizar e dificulta reconhecer quais eram as coplas galegas que fôrom castelhanizadas e quais as que fôrom chegadas de Castela e se popularizárom no nosso país.

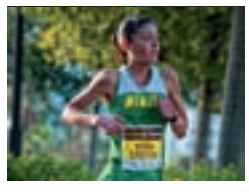
Os *Elelelos* que agora apresenta Retrouso ficárom guardados durante anos na memória de pandeireteiras e cantareiras, de gaiteiros, de pessoas que caminhavam por terra e mar com a música nos seus lábios. Como se explicava ao início, os 'elelelos' eram festa, lazer... quando umha pandeireta soava fazia-o sempre para acompanhar o baile. Agora os 'elelelos' som memória e bússola para a continuidade dos ritmos populares no Morraço e em todo o país.

DESPORTOS

ENTIDADES GALEGAS CONTRA A "SELEÇOM ESPANHOLA"

Umha dúzia de coletivos subscrevérom o manifesto 'A seleçom espanhola nom nos representa', reclamando a oficialidade das seleçons nacionais e pedírom contrarrestar com bandeiras galegas a campanha mediática espanholista durante a Taça do mundo de futebol.

CRISTINA GONZÁLEZ CONTINUA A BATER RECORDES



A ultrafundista arouçana vem de proclamar-se por quarta vez campeoa estatal de 100km. Fijo-o em Santander, com um tempo de 8h 14minutos e 43 segundos, recorde na história da competiçom. Com esse tempo, Cristina também conseguiu a oitava melhor marca mundial do ano.

Histori Cup: abrindo janelas de reivindicaçom

A.R.N / As seleçons de ráguebi da Galiza, Euskadi e Andorra acabam de competir na primeira ediçom da Histori Cup. Foi criada após o acordo entre as três federaçons, seguindo o mítico modelo do Seis Naçons de ráguebi, com a ideia principal de potenciar a identidade de cada país através da vertebraçom desportiva do território e "criar umha competiçom que permita aumentar o nível das seleçons dos três países".

A Historicup, após várias reunions, viu a luz com a sinatura do Acordo de Anoeta, e nele estabelece-se que as seleçons absolutas galega, basca e andorrana enfrentaram-se entre elas em três jornadas diferentes. A primeira foi no 31 de maio em Getxo, com o debute dos combinados de Euskadi e da Galiza. A vitória foi para os locais: 25-3. Aliás, o Euskadi-Galiza também serviu para homenagear o jogador de ráguebi basco de origem galega, Iñigo Castro, com a criaçom dumha Taça que leva o seu nome. Iñigo Castro Brión, que militara no *CRAT Corunha,* faleceu num acidente no ano 2007, e foi membro das seleçons galega e basca de ráguebi.

A segunda jornada foi vivida em terras galegas, na cidade de Ponte Vedra. O campo de Monte Porreiro presenciou o jogo Galiza-Andorra. Foi no dia 7 de junho. A galega saiu ao campo lastrada polas baixas de muitos dos seus melhores jogadores, que esse mesmo dia defendiam as cores do Universidade de Vigo na luita pola permanência na Divisom de Honra. Mas a nova de conservar a categoria insuflou ánimo à equipa galega, que logrou conseguir um empate 13-13 frente umha favorita seleçom de Andorra.

A última jornada da primeira ediçom da Histori Cup foi disputada no passado 14 de junho em Gexto, com o Euskadi-Andorra, onde era dirimido o vencedor da competiçom. Euskadi foi muito superior e superou Andorra por 50-0, conquistando a vitória final na Histori Cup. Este mesmo cenário serviu para a competiçom do torneio feminino, realizado na modalidade seven. Mas este também foi ganho pola seleçom basca, que venceu à galega num igualado encontro (20-17) e à seleçom de Andorra com muita superioridade (52-0).

A Histori Cup é a materializaçom dum projeto competitivo necessário e com futuro, que nasce com a vontade de ficar, e onde é reivindicada a identidade nacional das seleçons que o conformam. A organizaçom quer lograr a consolidaçom do torneio e dotá-lo dumha periodicidade anual, o que beneficiaria umha maior competitividade das seleçons e, à vez, projetaria-as internacionalmente. Aliás, Galiza, Euskadi e Andorra nom fecham o torneio a novas incorporaçons "doutros países, Estados, ou territórios que cumpram com os parámetros históricos que sustentam a criaçom da competiçom". De facto, para a segunda ediçom já está confirmada a participaçom da seleçom catalá.

AMBÍLOKWOI CAMPEOM DA LIGA GALLAECIA

A Liga Gallaecia chegou ao seu fim com a vitória da equipa viguesa, o Ambílokwoi. A primeira liga de futebol gaélico misto contou com a participaçom de Suévia de Compostela, Torques de Lugo, Ambílokwoi de Vigo, Afiadoras de Ourense e Cascarilha da Corunha. Da organizaçom sinalam que está aberto o prazo de inscriçom para novas equipas interessadas em jogar a temporada 2014-15.

TRAINHAS: INÍCIO BRILHANTE PARA AS EQUIPAS GALEGAS

As águas de Barcelona acolhérom o debute da Liga ACT de trainhas, onde competem duas representantes galegas, Tirán, que foi quarta, e Cabo da Cruz, novena. Ambas tenhem o objetivo de permanecerem na categoria, sobretodo no caso de Cabo, que recuperou a categoria depois de nove anos.

ENTREVISTA A ALEXANDRE COSTA 'JANO', TREINADOR DO ESTRELA VERMELHA

"É muito importante que Galiza seja reconhecida oficialmente, permite-nos jogar torneios internacionais"

A.RUA NOVA / O Estrela Vermelha é um clube diferente. Fundado em 1997, caracterizou-se por ser um clube com um compromisso firme com o nosso idioma e com a defesa da nossa identidade nacional, algo que é demonstrado com umha estreleira na camisola de jogo. Há apenas um ano o Estrela era umha equipa de futebol britânico da Terceira Divisom Autonómica. Hoje é o campeom da Liga e Copa galegas de futebol gaélico. Falamos com Alexandre Costa 'Jano', treinador da equipa.

Por que essa mudança do futebol inglês ao gaélico?
O Estrela Vermelha vinha dumha temporada em que houvera umha greve porque a Cámara Municipal de Compostela nom queria pagar as ajudas prometidas. No final do ano 2013, a viabilidade económica do projeto estava questionada. No país começavam a aparecer equipas de futebol gaélico e, após umha reflexom profunda, consideramos abandonar o futebol britânico e criar duas equipas, a de gaélico e a de salom, para que os nossos desportistas escolhessem o desporto de que mais gostavam.

Como foi a transiçom? Facilita algo ter jogado futebol inglês?
Tés muito avançado se vés do futebol na hora de jogar gaélico. Entre futebol australiano, inglês e gaélico há muitas semelhanças porque nom deixam de ser diferentes modalidades dum mesmo desporto, mas cada umha tem as suas normas e características próprias.

Qual é a causa de que cada vez mais galegas e galegos sintam atraçom polo gaélico?
Influem vários fatores. Por um lado está o próprio componente desportivo, já que o gaélico é um desporto muito dinámico, a bola está sempre nas áreas e é muito emocionante. Por outro lado, estám as próprias conotaçons do gaélico e a identificaçom com o território. Na Irlanda defender as cores da equipa do teu condado é motivo de orgulho. Finalmente, destacaria que a Seleçom Galega de futebol gaélico é reconhecida oficialmente pola GAA (Gaelic Athletic Association).

O gaélico é desporto nacional irlandês, como vivem lá o crescimento do gaélico na Galiza?
É certo que havia equipas de gaélico pola Europa, como em Zurich, Praga, Barcelona... mas, eram fundadas por irlandeses emigrados, e nelas apenas jogavam irlandeses e irlandesas. No caso galego e bretom som pessoas locais quem criam as equipas. Isto foi umha surpresa para eles e elas, como também o debute da Seleçom Galega no ano 2012, que jogou contra a bretá. Desde entom o gaélico avançou no país, o qual foi todo um acontecimento. Contamos com liga própria, e nos meios de comunicaçom irlandeses falam do gaélico galego; mesmo contam com seçons destinadas à Liga galega.

Melhorou o nível do gaélico na Galiza desde o seu nascimento?
Ano após ano, o nível das equipas é maior. Muitas pessoas ficárom surpreendidas com as esquadras galegas, que derrotárom equipas netamente irlandesas, como os Barcelona Gaels, Sant Vicent GAA Valencia... No Ibérico da Corunha, o Estrela ficou segundo e os Irmandinhos quartos, o que evidencia que o nível galego está a subir.

Quais fôrom os maiores sucessos do Estrela no seu primeiro ano de gaélico?
A nível coletivo destacaria que conseguimos ganhar a Liga galega de futebol gaélico e a Taça galega, celebrada na Estrada. Também ficamos subcampeons no Torneio Ibérico da Corunha. A nível individual, o nosso guarda-redes, David de la Torre foi elegido MVP do Torneio Ibérico da Corunha. Na Taça, o troféu ao melhor jogador foi para o nosso avançado Rubén Leborán, e na Liga, o próprio Leborán e Luis Aller fôrom os máximos goleadores.

Na primeira temporada do Estrela ganhastes a Liga e a Taça galega, esperávades esses resultados?
Contamos com jogadores procedentes do futebol britânico, que se adaptárom muito rápido. Depois figemos muito trabalho prático e teórico. Procuramos um estilo de jogo rápido e simples, mas também que cada desportista tenha claro o seu rol na erva. Acho que influiu criar um estilo de jogo simples e também ganhar o primeiro jogo após remontar o marcador. Deu-nos muita moral e confiança.

Para a temporada 2014-15, que objetivos tem o Estrela?
No ámbito desportivo tentaremos repetir o conseguido, mas vai ser difícil. Vamos luitar por revalidar os títulos de Liga e a Taça galega e também queremos ter maior presença no campeonato Ibérico. Vamos participar em mais torneios ibéricos e lograr umha boa posiçom na tabela final. Outro objetivo que nos marcamos é criar umha equipa feminina. E no terreno social queremos recuperar a massa social do passado, quando tínhamos perto de 400 pessoas associadas. E, logicamente, continuaremos com os valores que o Estrela Vermelha sempre defendeu: jogar com a bandeira da Pátria na camisola e defendendo o desporto galego e em galego.

Galiza é seleçom oficial em futebol gaélico, que implica isto? Este ano vai haver jogo da Seleçom Galega de gaélico?
É muito importante que Galiza tenha sido reconhecida, junto com Bretanha, como seleçom de pleno direito, porque isto permite-nos participar em torneios oficiais e internacionais. Na última convençom da GAA, a equipa de Zurich levou umha proposta contra a oficialidade das seleçons de naçons sem Estado. A resposta da GAA foi contundente, e dixo que Galiza e Bretanha ganharam o seu direito a competirem oficialmente e, portanto, essa questom ficava fora de qualquer debate. Além disso, a GAA vai expandir o gaélico pola Europa e, em quatro ou cinco anos, querem criar um europeu de naçons, onde competiria a Galiza.

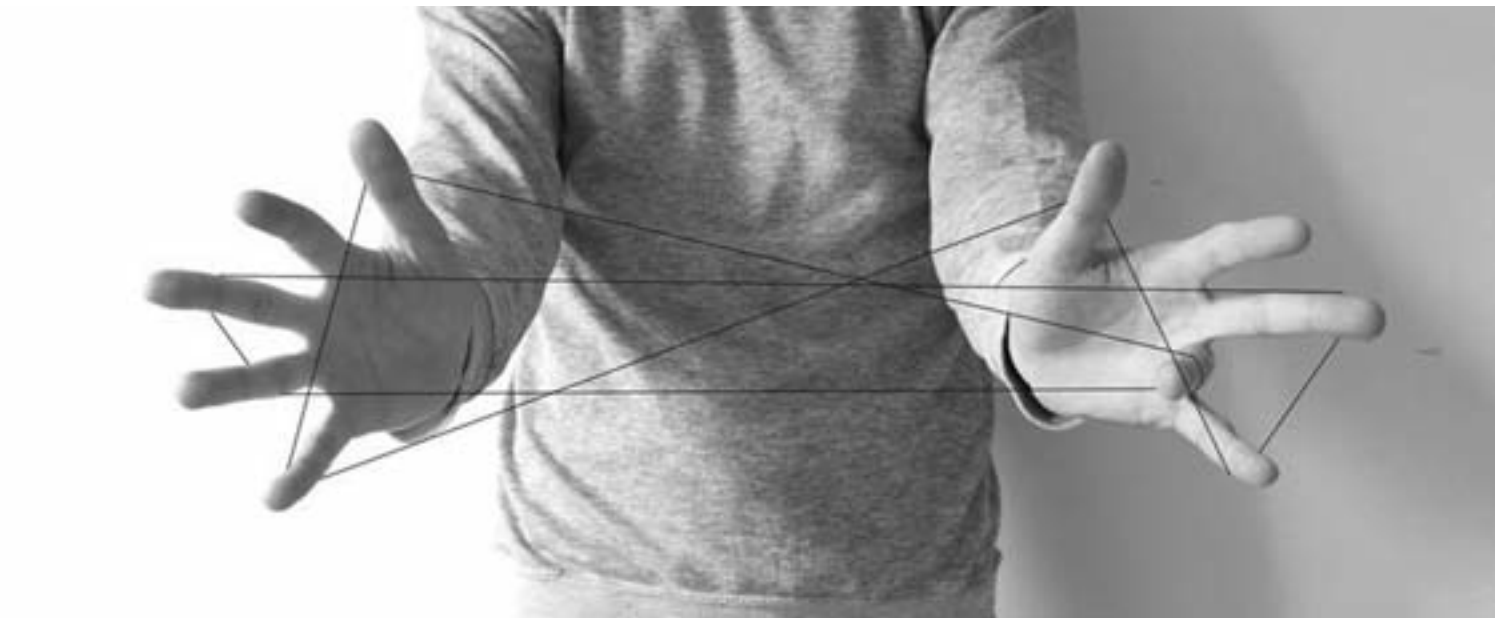
A Associaçom Galega de Futebol Gaélico tem firme vontade de que a nossa seleçom jogue este ano, mas está a procurar datas para o encontro. Também quer que, antes de acabar o ano 2014, haja o debute da Seleçom Galega feminina.

O Estrela Vermelha define-se como "algo mais do que um clube", isto que implica?
O Estrela Vermelha tem dezessete anos de história. Foi fundado no bairro compostelano das Fontinhas, e polo clube passárom muitas geraçons e pessoas diferentes. A nossa equipa diferenciou-se das outras pola nossa aposta firme no desporto de base, galego e em galego. A aposta segue sendo a mesma. É certo que houve casos de pessoas que tivérom estereótipos ou reticência inicial conosco; diziam que era umha equipa que só queria fazer política. Nós pensamos que o desporto e a política som compatíveis. Nom pedimos nenhum bilhete de afiliaçom a nenhum partido político para formar parte do clube, mas sim que é verdade que todas as pessoas que jogam no Estrela sabem que o clube é umha equipa comprometida com o desporto de base e o desporto do país, e isto nom vai mudar.

TEMPOS LIVRES

CONSUMIR MENOS

Enleadas com o fio



XAN DURO / Umha das atividades da economia capitalista global que tem um impacte transversal mais assinalado é o mundo do têxtil. Poderíamos utilizá-lo como modelo para estudar o impacte da globalizaçom neoliberal tanto no oriente como no ocidente e particularmente no nosso país. A apariçom da matriz originária de Indetex, Zara, no nosso país nom é casual já que existe, mais bem existia, umha forte atividade têxtil na Galiza. Esta atividade nom se caracterizava pola existência de grandes complexos industriais, mais próprios da Catalunya, senom por multidom de pequenos e medianos talheres de confeçom que trabalhavam por encargo destes. Assim, zonas como a comarca de Ordes, tinham umha grande tradiçom neste campo.

Mais o processo de deslocalizaçom, consubstancial à extensom da globalizaçom, destruiu o tecido que sustentava esta atividade têxtil. Aproveitando umhas condiçons laborais de quase-escravidom, ausência de sindicatos e nula legislaçom ambiental nos países asiáticos e nas maquilas instaladas em zonas francas do continente latino-americano, foi deixando talheres fechados e desemprego na Galiza.

Perante este sombrio panorama, novas como a criaçom do coletivo MOV3 – Galicia Viste Consciente fam aparecer a esperança dumha verdadeira transformaçom. Esta iniciativa, promovida por Amarante Setem e pola desenhadora María Almazán, pretende, nas suas próprias palavras, pôr em valor as alternativas têxteis existentes ou em nascimento na Galiza e dar resposta à crescente demanda da sociedade galega de fazer um consumo responsável de roupa, que fortalecesse e apoiasse o ambiente, os critérios sociais, a produçom local, a trazabilidade do produto e a mais dumha vida do mesmo. Isro é, recuperar o tecido produtivo local e, portanto, a economia de proximidade, produzir com critérios ambientais e sociais e erradicar a obsolescência programada. Som a antítese do modelo Indetex de roupa de pouca duraçom, barata no preço, mas caríssima em custos ambientais e sociais, pois estimula um consumo marado. Um grande projeto e boa gente para impulsioná-lo. Parabéns polas iniciativas integrantes de MOV3 e vemo-nos nos vestiários.

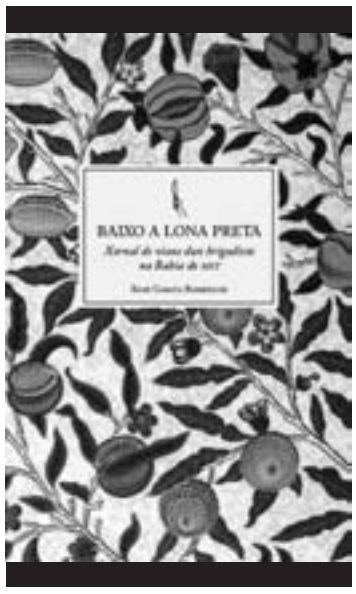
ENTRELINHAS **'BAIXO A LONA PRETA', DE XOSÉ GARCÍA RODRÍGUEZ**

Atacar a monocultura, cultivar a democracia

CARLOS C. VARELA / Em agosto de 2003 Xosé García Rodríguez – coordenador do vozeiro do SLG- viajou como brigadista, e da mão de Amarante, até o estado de Baía, onde conheceu de primeira mão o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). Daquela estadia brasileira nasceu *Baixo a lona preta*, diário de viagem que agora Estaleiro comparte com todas nós.

O MST é seguramente um dos movimentos sociais mais importantes do mundo, o mais popular de quantos conformam a Via Campesina, autêntica internacional anticapitalista do nosso tempo. O modelo revolucionário que propõe o MST é integral: longe das grandiloquências partidárias, enraíza no quotidiano, no modo de vida como praxe política. E é aí, no dia a dia das comunidades rebeldes, sacho em mão, onde se situa Xosé García. Não se esquece, contudo, de darnos uma boa contextualização. Abre o diário com um estudo introdutório apoiado em abundante bibliografia e mais entrevistas já publicadas *n'A Fouce*, e encerra-o com uma entrevista a João Pedro Stédile.

Baixo a lona preta -isso que aqui chamamos 'plástico de silo' e que no Brasil serve de improvisado teto dos assentamentos de ocupação- a consigna rimbaudiana de mudar a vida acha-se por toda a parte. Por exemplo, na luta por criar novas relações pessoais fora do patriarcado. A educação e, portanto a transformação pessoal, tem a máxima importância nos acampamentos do MST, onde gerem umas 2.000 escolas, mesmo universitárias. Aplicam os



métodos pedagógicos integrais cubanos e de Paulo Freire. Também no seu sistema de saúde a educação é central: insistem na higiene e prevenção de doenças graves, tratando as do dia a dia com os saberes tradicionais entesourados polas mulheres. Mas todo isto é uma deserção contra um estado das cousas: o da máfia latifundista do estado com maiores desigualdades sociais de toda América do Sul.

Quanto à problemática relação com o PT optam polo pragmatismo: apoiam e votam de forma crítica este partido, em tanto que serve de barreira à extrema direita. Mas a sua relação com os partidos é um exemplo do que Raúl Zibechi chama a "nova governabilidade", o deslocamento do centro político dos partidos para os movimentos. Esta inversão da lógica política clássica, a relação entre partidos de esquerda e movimentos, explica-a mui bem Cláudio Lopes, do MST: "a mobilização não está dirigida a fazer fracassar o governo, todo o contrário. A mobilização fortalece o governo para que tenha condições de implantar de facto políticas e mudanças que sejam de interesse para os trabalhadores e trabalhadoras".

Por último, esta magnífica viagem ao "soberanismo sustentável" do MST chega-nos numa mui cuidada edição, coroada por um magnífico desenho de William Morris. Que bem casam as ideias e vida deste anarquista com o 'sexto mandamento' do MST! : "Embelecer os assentamentos e comunidades, plantando flores, ervas medicinais, hortaliças e árvores".

Baixo a lona preta.
García Rodríguez, Xosé.
Estaleiro editora, 2013.

QUE FAZER

18.07.2014 / JORNADA EM MEMÓRIA DE CARLO GIULIANI / 20:30 no C.S. Gomes Gaioso (Rua Marconi, 9 - Monte Alto). CORUNHA
Degustaçom de comida italiana e projeçom de 'Díaz: non pulire questo sangue'.

19.07.2014 / II ROMARIA DE PRODUTOS DO CAMPO / 11:00 em Postemirom. VILABOA
Aulas para fazer pam, palestras sobre horta ecológica e sidra, jogos populares, jantar campestre e mais atividades.

19.07.2014 / PALESTRA SOBRE 'O LOBO IBÉRICO NO SÉCULO XXI' / 00:00 no Local Social 'Xente Nova' (Tabeaio). CARRAL
Falará Luis M. Domínguez. Organiza 3 Esquíos.

22.07.2014 / MERCADO ENTRE LUSCO E FUSCO / 17:00 no parque de Belvis. COMPOSTELA
Feira de produtos locais, biológicos e de comércio justo. Todas as terças-feiras.

23.07.2014 / PROJEÇOM DE *REDEMPTION* / 20:30 no C.S. Gomes Gaioso (Rua Marconi, 9 - Monte Alto). CORUNHA

24 a 25.07.2014 / ROMARIA DE SARGADELOS / 12:00 em Sargadelos. CERVO
Na primeira jornada atuam Ataque Escampe e na seunda há atividades durante todo o dia, além do jantar. Organiza ACR Fervenza de Sargadelos. Há zona de campismo.

24 a 26.07.2014 / FESTIVAL ANTROSPINOS / Toda a jornada em Taragonha. RIANJO
Atuam Cuchufellos, Familia Caamagno, Habelas Hainas ou Bigote Mix entre outros. Atividades todo o dia e zona de campismo. Mais informaçom no site *http://festivalantrospinos.es/*.

25, 26 e 27.07.2014 / FESTIVAL SINSAL / Diferentes horários na ilha de Sam Simom. REDONDELA
No 25 de julho atuam Throwing Shade, Jagwa Music ou Oso Leone. No 26 e no 27 o programa é repetido, mas é surpresa. Há mais informaçom -incluídos os horários dos barcos- em *http://sinsalsonestrellagalicia.sinsalaudio.es/*.

30.07.2014 / PROJEÇOM DE *TRABALHAR CANSA* / 20:30 no C.S. Gomes Gaioso (Rua Marconi, 9 - Monte Alto). CORUNHA

02.08.2014 / CARQUEIXA ROCK / 18:00 em Soutelinho. LAÇA
Conta contos, circo, ceia popular e as atuaçons de Kepa Junkera, Guezos e Ruxe Ruxe, entre outros. Informaçom em *http://asociacioncarqueixa.files.wordpress.com/*.

NOS MESES DE JULHO E AGOSTO

'VERANeARTE', programa cultural alternativo, autogerido e associativo em Ourense

Anacos da Cidade, Óscar Allos, Trécola, O Espertello, Semente, Plataforma Ríos Limpos, CineClube Padre Feijoo, Marcha Mundial das Mulleres, A Bela Auria, Fundación Uxío Novoneyra e Amigos da Terra componhem ESCUA, o Espaço Cultural Alternativo, Autogerido e Associativo de Ourense. ESCUA enche quase todos os dias de julho e agosto as praças da cidade com atividades de balde organizadas por todos os coletivos e perssoas nomeadas.

O programa inclui concertos (Grândola, Cantigas que Espantan, Alberto Mbundi, Os amigos dos músicos...), exposiçons, teatro, roteiros (sobre a Geraçom Nós, polo Minho e polo Barbanha), projeçons de filmes e outras atividades, que finalizam no 28 de agosto. O objectivo de ESCUA e desta programaçom cultural é resumida na sua legenda: "fazemos cidade com a cultura colaborativa". O programa de 'VERANeARTE' está no site de ESCUA: *http://escua.org/2014/06/29/veranearte-2014/*.

A COVA DOS RATOS

Argentina no 'Ciclo Parias'

No 26 de julho Argentina entra na Cova dos Ratos (Rua Romil, 3), em Vigo, a través do 'Ciclo Parias'. Vai ser umha jornada dedicada à Argentina luitadora, na qual vai ser apresentado o livro 'El barrio obrero conocido como Villa 21-24 Zavaleta: una historia de dificultades, luchas y conquistadoras' (22:00). A continuaçom será projetada a curta metragem coletiva '¿Qué ves cuando me ves?', sobre o mesmo bairro operário. A jornada finaliza com a música popular latinoamericana do duo 'Dos parias'.

18 DE JULHO

Marcha de Ferrol a Mugardos

O Comité Cidadám de Emergência para a Ria de Ferrol convoca a 8ª Marcha a Pé de Ferrol a Mugardos para protestar contra a planta de gás de Reganosa, com o lema 'Move-te contra a impunidade'.

A marcha sai do Parque Carmelo Teixeiro de Caranza (Ferrol) às cinco da tarde do 18 de julho, e vai percorrer Ferrol, Fene e Mugardos para acabar no Campo dos Carneiros desta última localidade.

02.08.2014 / FESTA DA CARVALHEIRA / Toda a jornada. ZAS
Atua John Whelan com Flynn Cohen e Liz Simmons, entre outros. O programa completo está em *http://www.festadacarballeira.com/*.

02 e 03.08.2014 / XXXV FESTIVAL DE PARDINHAS / Toda a jornada em Pardinhas. GUITIRIZ
Atuam A Quenlla, Oxford University Ceilidh Band ou Electric Gozarela entre outros grupos. Vai haver Canto de Taverna e umha mostra de Instrumentos Tradicionais. Organiza Xermolos. Mais informaçom em http://www.xermolos.org/.

06.08.2014 / APRESENTAÇOM DO *GUIA PARA O DESCENSO ENERGÉTICO* / 19:00 na Feira do Livro (Jardins de Méndez Núñez). CORUNHA
Elaborado pola Associaçom Véspera de Nada por unha Galiza sen petróleo. Intervem Manuel Casal Lodeiro.

06.08.2014 / APRESENTAÇOM DO *GUIA PARA O DESCENSO ENERGÉTICO* / 20:00 na Feira do Livro (Rua Cardeal). MONFORTE
Elaborado pola Associaçom Véspera de Nada por unha Galiza sen petróleo. Intervem Afonso Fernández.

08 e 09.08.2014 / CASTELO ROCK / Durante a noite na Praia do Castelo. MUROS
Atuam Gatillazo, Terbutalina ou Machina. Programa completo no site *http://www.castelorock.com/*.

09.08.2014 / OLIMPÍADAS INTER-POVOS / Toda a jornada no Campo da Moreira. GINZO DE LIMA
Organiza o centro social Aguilhoar. Mais informaçom no seu blogue: *http://agal-gz.org/blogues/index.php/aguilhoar/*.

09.08.2014 / III FESTIVAL 27373 / 20:30 no Clube Fluvial. BEGONTE
Concertos de Os Minhotos, Guezos e Zenzar. Programa completo em *http://festival27373.wordpress.com/*.

14.08.2014 / FESTIVAL AS NOSAS MÚSICAS / Toda a jornada em Couso. ESTRADA
Organiza a associaçom A Xesteira de Couso. Mais informaçom no seu site: *http://asnosasmusicas.org/*.

16.08.2014 / XV FESTA FOLC / Toda a jornada em Vilarinho. CANGAS
Organiza A.C. O Gato.

22 e 23.08.2014 / XXXV FESTIVAL IRMANDIÑO / Toda a jornada no Castelo. MOECHE
Inclui Assalto ao Castelo, em homenagem às revoltas irmandinhas, na noite do 23. Mais informaçom em *http://festivalirmandino.wordpress.com/*.

23.08.2014 / FESTIVAL DO CASTRO / Toda a jornada. FERREIRA DE PANTOM
O programa pode ser consultado no site: *http://www.festivaldocastro.com/*.

03 a 07.09.2014 / FESTIVAL VIBRA BALBOA / Toda a jornada em diferentes espaços. BALBOA
Atuam Chotokoeu, Xenderal ou Folkólicos. O programa completo está em *http://vibrafestival.wix.com/vibra*.

05 e 06.09.2014 / XXVIII FESTIVAL DA POESIA NO CONDADO / Toda a jornada no recinto das muralhas. SALVATERRA DE MINHO
Atuam A Quenlla, Sés, Fortuítos ou Liska. Projeçons, festa infantil, Noite nas Minas... O programa completo está em *http://scdcondado.org/*.

05 e 06.09.2014 / FESTIVAL MINHO REGGAE SPLASH / 17:00 na praia fluvial de Goiam. TOMINHO
Programa completo no site *http://www.minhoreggae.com/*.

12.09.2014 / IV O SON DAS MÁMOAS / Toda a jornada no campo de futebol (Candeam). VIGO
Programa completo no site *http://osondasmamoas.wix.com/festival*.

12 e 13.09.2014 / FESTIVAL OSA DO MAR / Toda a jornada. BURELA
Atuam Das Kapital, Unicornibot, Batuko Tabanka ou The Brosas. Mais informaçom em *http://www.osadomar.com/*.

ENVIA CONVOCATÓRIAS ao correio agenda@novasgz.com antes do dia 12 de cada mês. Anuncia os teus atos no NOVAS DA GALIZA.

NOVAS DA GALIZA

Apartado 39 (15701) COMPOSTELA | Tel. 692 060 607 | info@novasgz.com

ÉIRE CID

Doutor em Euskal Herria

ANDRÉS ÁLVAREZ É MÉDICO INTERNO RESIDENTE NO HOSPITAL DE BARAKALDO

RAUL RIOS / Há histórias da vida real que parecem de romance. Pessoas, quase personagens, com avultadas biografias, aventuras, anedotas engraçadas ou frases sentenciosas para escrever mil titulares rechamantes. Gente que viaja polo mundo, já seja à vontade ou forçada, e que volta ao país sendo experta sobre os sítios que visitárom. Atores e atrizes, escritores e escritoras, comediantes, desportistas ou mesmo políticos com umha face humana e desenfadada. Som os seus rostos os que costumam aparecer retratados nas contracapas dos jornais. Nengum destes é o caso de Andrés, ou 'Médico', como foi alcumado pelos seus amigos de toda a vida.

Nado em Nigrám, no Val-Minhor, ainda é novo em Euskal Herria. Após acabar o curso e aprovar o exame do MIR em fevereiro, apenas leva dous meses a morar em Bilbo e outros tantos trabalhando no Hospital de Cruzes de Barakaldo como anestesista. A sua boa qualificaçom permitiu-lhe escolher a especialidade de que gostava no lugar onde queria. Por que Bilbo? Andrés nom adoece de *basquite*, nom foi à capital de Guipúscoa com expectativas concretas e nom tinha prejuízos de nengum tipo. Ele queria ficar polo norte da península e estar perto do mar. Que a cidade fosse Bilbo e nom outra dependeu do que lhe oferecia o que já é o seu hospital. Agora, mais de dez horas de comboio separam a sua morada natal do seu andar na Parte Velha de capital biscaína.

Apesar das similitudes entre Vigo e Bilbo, (ambos os núcleos industriais e costeiros, com 300.000 e 350.000 habitantes respectivamente) Andrés ficou abraiado com certas diferenças, como a incrível oferta cultural da cidade basca. E nom só, também com o sistema de transporte que lhe permite percorrer a diário sete quilómetros até Barakaldo em apenas 15 minutos quase sem esperas. "Em Nigrám havia que aguardar polo ATSA meia hora e às vezes mesmo nem parava!", lembra entre risos. Nem se parou a pensar na possibilidade de adquirir um carro particular para deslocar-se ao trabalho.

Como galego, no hospital, nom deixa de topar compatriotas emigrados há décadas. Pacientes idosos, os quais se alegram quando descobrem que o médico que os vai atender é um rapaz de Nigrám a quem lhe podem dizer qualquer cousa na mesma língua que aprendêrom das suas maes. Andrés encontra a pegada desta geraçom emigrante cada vez que pega numha das muitas fichas médicas cheias de apelidos galegos, de filhos e netos nascidos ao pé do Nerviom.

Ao observar a situaçom do *euskera* reparamos na sorte relativa que ainda temos na Galiza em relaçom ao idioma. Por desgraça, é muito difícil topar gente de Bilbo e arredores falando basco. Poucos pacientes o empregam. Se bem esta situaçom facilitou a vida do Andrés à sua chegada, como ele mesmo reconhece, também a considera um enorme atraso na hora de aprender essa língua que, apesar de ser muito complexa para nós, resulta interessante. Com Mikel, o advogado com quem partilha morada, vai aprendendo o básico. Mui devagar.

O conhecimento do idioma nom é umha condiçom indispensável para ser funcionário em Euskadi, mas sim que outorga muitos pontos: na prática é quase impossível obter umha vaga de médico sem saber basco. Mas o interesse que poda ter o Andrés pola língua nom vem daí. Ele quer finalizar a residência e voltar para a Galiza a trabalhar, ainda nom sabe se com paragens polo meio. Restam-lhe quatro anos nos quais quer conhecer Euskadi a fundo, Nafarroa incluída, e outras zonas como La Rioja. Provar o bacalhau à viscaína e continuar a experimentar com novos *pintxos* som notas que fam parte da sua lista de tarefas pendentes, mas, apesar da gastronomia basca, nom pode esquecer a comida da casa. "Aqui nom há nem grelos nem tetilha", lamenta-se com o estómago saudoso.

O dito. A história do Andrés poderia ser a de qualquer um. Sem grandes citas, sem grandes verdades e sem grandes juízos, vai explicando aquilo que observa e percebe aos seus colegas, aos quais também lhes recomenda Barakaldo como destino para fazer a residência. Voltará para a Galiza sem ser um experto sobre Euskal Herria, nom quer sê-lo. Só quer aprender o máximo possível e aproveitar bem o tempo, como todo o mundo.

Xurxo Borrazás

REVIVAL TARDOFRANQUISTA

O pulso democrático do estado espanhol baixo o governo do PP ajusta-se ao que se chamou *"ditabranda"* após a ditadura de Primo de Rivera, termo também aplicado para nomear a fase terminal do franquismo que começou em meados dos anos 60, para diferenciá-la dumha primeira etapa fascista e genocida que Feijóo denomina "o capricho da História" de 1936.

O termo *ditabranda* saiu do próprio regime, dos "aberturistas", e resultava ofensivo aos olhos de quem continuava a padecer a laminaçom de todos os direitos políticos e sociais. Para que vos fagais umha ideia, Fraga Iribarne era considerado um "aberturista", e nom falamos do início das partidas no dominó.

Homem! Comparar o tardofranquismo com o atual sistema é excessivo, direis. Pode ser, mas há coincidências que fam suspeitar, como que centos de sindicalistas vivam pendentes de entrarem no cárcere por exercerem direitos, ou que milhares de pessoas sejam detidas, malhadas e multadas por se manifestarem ou por se juntarem num parque. Um viveu em primeira pessoa a repressom de Baldaio na Transiçom e podo afirmar que se parece como um perturbador dejà vu à repressom atual.

Hoje som concedidas medalhas militares á Virgem, sequestradas ediçons de revistas, som encarcerados durante anos 40 abertzales bascos, os quais som declarados inocentes pola Audiência Nacional, as línguas minoritárias voltam ser atacadas, a juventude emigra, a legislaçom laboral é própria do Jurásico e do Trifásico, há cativos que passam fame, o direito ao aborto sofre um retrocesso, a cultura vive baixo suspeita, a polícia secreta multiplica-se, as classes populares som afastadas da universidade, a atençom sanitária é restringida, voltamos coroar um borbom e, quando o código penal nom é suficiente, a proposta é legalizar o *pucheirazo* eleitoral reduzindo os deputados do parlamento autonómico ou pedindo que só contem os sufrágios da minoria com mais votos e se deitem no lixo, se for preciso, o 70% restante.

Mesmo assim, direis, nom se pode comparar. Nalguns aspectos tendes razom, por exemplo, no franquismo todas as grandes empresas estratégicas eram património do estado, quer dizer, públicas. Há que foder-se.